



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2024

Ciclo I – Cristiane Anauate Ghattas

Ciclo II – Frederico Cunha Valim

Ciclo III – Lívia Cristina Gomes Maalouf

Ciclo IV – Fábio Luiz de Almeida Mesquita

Ciclo V – Ana Paula Tomé Mikulenas

Ciclo VI – Maria Emília Queiroz Bastos

Índice

Ciclo I

Cristiane Anauate Ghattas

Malabaristas do supraeu..... 03

Ciclo II

Frederico Cunha Valim

Todo Homem.....12

Ciclo III

Lívia Cristina Gomes Maalouf

O casal perverso.....20

Ciclo IV

Fábio Luiz de Almeida Mesquita

Impulso ao vazio.....36

Ciclo V

Ana Paula Tomé Mikulenas

Repetir, recordar e esperar...43

Ciclo VI

Maria Emília Queiroz Bastos

Sonoridades, silêncios e suas ressonâncias na clínica psicanalítica46

2º Semestre 2024

Ciclo I

Nome: Cristiane Anauate Ghattas

Título: Malabaristas do supraeu

Triplo carpado twist

Hoje é dia das mães. Meu presente chegou mais cedo. Ontem à noite, lá pelas 20:30h, fui atrás de notícias da minha filha adolescente, T., 18, que está estudando fora do Brasil e pegou uma virose arrebatadora. O intercâmbio foi uma conquista árdua para nós duas. Ela não me dava notícias desde 15:30h, então achei melhor dar aquela perguntadinha básica. Deu-se a largada! Nós, mães da *sociedade da realização*¹, estamos acostumadas a dar alguns sprints com certa frequência, tipo cem metros rasos, só que sem o glamour olímpico. Garganta fechada, pus, estado febril, nariz entupido, dor no corpo, na cabeça – 8.181 km de distância – e uma tosse seca incessante. Temos um seguro viagem mas a tarefa de entender o funcionamento, dada à filha que clama por independência, não foi concluída em tempo, nem conferida pela mãe, no caso eu. Falhei. Apelei ao plano de saúde brasuca mesmo, que permaneceu ativo. Três horas depois, com muita insistência, consegui que uma médica plantonista aceitasse fazer uma tele-consulta ao estilo triplo carpado twist! Explico: T. não conseguia abrir o site da tele-consulta em nenhum dispositivo por lá. Tive que solicitar o pronto atendimento pelo meu computador, como se fosse eu a paciente. Éramos uma intersecção de muitas telas: a médica, no computador dela, eu, no meu, e T., vista pela tela do meu celular numa video-chamada. Eu segurava o celular bem ao lado do meu rosto, sem vacilar, para que a imagem dela permanecesse nítida. Acho digno de nota acrescentar que terminei a consulta com esse braço formigando – não queira acabar com a paciência da médica que quebrava protocolos para nos tele-atender. Vitória! – parcial. Saímos com uma receita de quatro medicações, porém, em português. O desafio da *translation* ficaria para a próxima largada, o dia seguinte. Meia noite eu estava na cama, como uma boa atleta de salto em distância, com a sensação de dever cumprido, pronta para um

¹ O vírus capitalista do cansaço incessante / Artigo de Byung-Chul Han - Instituto Humanas Unisinos - 17, Maio, 2021 / publicado originalmente em *The Nation* e traduzido por Simone Paz

sono reparador. Sou uma mulher de 40 e poucos anos, pós-pandêmica, sobrevivente da *sociedade do cansaço*², tentando surfar nas ondas gigantes de um rio chamado 2024. Tive insônia.

Une leçon clinique

Mas e o que isso tudo tem a ver com a psicanálise? Bem, a psicanálise nasce a partir de uma relação de troca relativamente bem sucedida entre um Freud médico e algumas mulheres de seu tempo – mulheres que tinham algo importante a dizer. *Na época pioneira da psicanálise, foram sobretudo pacientes mulheres que generosamente aceitaram a relação contratual médico-paciente*³. Em 1895 Freud lança *Estudos sobre a Histeria*, junto com Breuer, trazendo cinco casos clínicos a público. Anna, Emmy, Katharina, Elisabeth, e Lucy, cinco jovens mulheres inteligentes, histéricas, e certamente não convencionais, catapultaram Freud e Breuer da posição de objeto da medicina tradicional – detentora de um saber patriarcal e soberano – e os interrogaram, colocando-os na posição de sujeito, que precisava aprender a escutá-las. *Sabemos hoje – eles não sabiam na época – que a histeria é um jeito de estar no mundo, uma maneira de por em cheque as relações sociais, a começar pela relação com o médico*⁴. Havia uma ordem social na qual a mulher, subjugada pelo sistema vigente, tinha sua liberdade amputada do próprio corpo e da própria alma, com o consentimento das principais instituições que regiam o mundo ocidental na primeira metade do século XIX – a família, a religião, o direito, e a política. Não podiam estudar, votar, abrir conta bancária, usar seu corpo como bem entendessem, ou qualquer outra coisa que divergisse da “moça boa pra casar, cuidar da casa e dos filhos”. Era um ideal social da época, um parâmetro bem rígido e ativado nas relações. As mulheres que fugissem à regra seriam severamente criticadas, julgadas, excomungadas, marginalizadas e claro, tratadas como doentes, ou anormais. Era de se esperar que algumas, as que tivessem mais resistência ou dificuldade para se encaixar, viessem a enlouquecer – *a loucura é aquilo que destoa da ordem social*⁵.

Então Jean-Martin Charcot, professor de neuropatologia de Paris, caminhava pelo renomado Hospital Salpêtrière acompanhado de jovens médicos, Freud incluído, indagando-se sobre o que poderia estar acontecendo com aquelas mulheres. Desbocadas, elas gritavam, masturbavam-se publicamente, alucinavam, e colapsavam com paralisias no corpo. A famosa pintura a óleo de André Brouillet, *Une leçon clinique à la Salpêtrière*, de 1887, me fez endireitar a coluna e enrugar a testa à primeira vista. Ela exhibe 28 senhores distintos, trajados em terno preto, com os olhares ávidos ao

² Sociedade do Cansaço / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª ed - Vozes, 2017

³ As Mulheres de Freud / Lisa Appignanesi, John Forrester - Ed. Record - 2010 (páginas 36 a 42)

⁴ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 3 Sigmund Freud, O Inventor da Psicanálise

⁵ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 3 Sigmund Freud, O Inventor da Psicanálise

redor de uma jovem, aparentemente desmaiada (ou em estado de hipnose), com os braços retorcidos e os punhos cerrados. Pareciam estar diante de um animal exótico recém abatido e silenciado. *Freud começa a se dar conta de que essas manifestações no corpo, chamadas de conversões histéricas, eram mensagens, mensagens para alguém*⁶. Foucault, filósofo francês, nascido em 1926, soube expressar um olhar humanista para a história dessas mulheres, que eram literalmente encarceradas em hospitais psiquiátricos. Para Foucault, a histeria era um confronto com a exigência social e portanto um desafio inusitado para os profissionais da medicina tradicional e da própria psicologia, que agiam como policiais do comportamento, visando manter a ordem e fazer com que essas mulheres voltassem à “normalidade”.

Quando comecei a estudar psicanálise, esta história me tocou bastante. Também senti um certo alívio por não ter pertencido àquela época. Pensei: Eu provavelmente teria me tornado histérica como elas, não abro mão da minha liberdade. Bastaram dois segundos para um pensamento substituto se formar: Será? Que preço estamos pagando por esta suposta liberdade – nós, mulheres emancipadas? Como mãe, não tive a sorte de uma parceria justa pós divórcio. Anos mais tarde, em 2020, depois de ter sido arremessada junto com milhares de outras pessoas ao desemprego pandêmico, mergulhei numa crise existencial. Trabalhava num ritmo frenético até então e dava conta de muitas outras coisas simultaneamente, como toda mulher da minha época – a tal jornada dupla, triplo carpado twist! Tempos depois, já com alguma saúde financeira recuperada, procurei por uma analista, mulher. Era importante também que ela fosse mãe de humanos. Encontrei. Mas ainda assim, lá no fundo me perguntava secretamente: Será que uma análise consegue dar conta de tudo o que está acontecendo dentro e fora de mim? Esta dúvida ainda me acompanha e hoje parece nortear minhas primeiras buscas no caminho da formação. Encontrei algumas pistas interessantes como esta: *No campo da opinião e do preconceito, as visões de Freud sobre as mulheres eram tão inconstantes quanto as de qualquer pessoa. Ele era capaz de disparar uma frase como ‘Uma mulher inquieta vai ao médico ou às compras’, mas igualmente observava que durante a ocupação nazista de Viena, ‘As mulheres são as mais capazes’ e que ‘Em geral as mulheres aguentam melhor que os homens’.*⁷

Os números assustam mas não surpreendem

Aguentamos? Na minha primeira sessão de análise, uma das coisas que consegui dizer foi: Estou exausta. Mas por mais digno de nota que isso parecesse ser, o que mais me assustava não era

⁶ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 3 Sigmund Freud, O Inventor da Psicanálise

⁷ As Mulheres de Freud / Lisa Appignanesi, John Forrester - Ed. Record - 2010 (páginas 36 a 42)

a exaustão em si – com ela eu já havia encontrado alguma forma de conviver. O que mais me preocupava era o tempo. Havia um descompasso: eu esperava sentir este tipo de cansaço aos 80, não aos 40. Quanto tempo de vida eu teria dessa forma? Ou melhor, pior, quanto tempo eu teria que aguentar viver assim? Eram perguntas importantes. Certo? Também parecia trazer um ressentimento: eu já havia passado muito tempo fazendo tudo o que eu precisava fazer e pouco tempo fazendo o que eu realmente queria fazer. Aliás, o que eu queria fazer mesmo? Será que ainda quero? Será que ainda dá tempo? – Confuso, eu sei. – Será que esse mal estar era mais pessoal, por causa da minha história de vida? Como estariam outras mulheres de 40 como eu? O que sei dizer é que venho ouvindo as palavras “cansada” e “exausta” com frequência cada vez maior, assim, no feminino mesmo – entre amigas, primas, irmãs, conexões virtuais, inteligências artificiais. Não pode ser mera coincidência. Uma amiga de infância, musicista, lançou uma banda chamada *Exausta Samba* em 2022. Não por acaso, ela é composta por três mulheres. Mas voltando à histeria, ainda n’*As Mulheres de Freud*, me deparei com a seguinte constatação: *Sob essa ótica, a psicanálise, como o feminismo, surge como uma resposta às mulheres “históricas” cujo estado de saúde era emblemático de um mal-estar coletivo, e, por sua vez, essa “histeria” respondia à posição insustentável da mulher no fim do século XIX*⁸. – Em que posição estaríamos agora?

Apesar de considerar o livre arbítrio tão questionável quanto a meritocracia, preciso reconhecer que, pelo menos em algumas instâncias, nós, mulheres, conquistamos certa liberdade. Em 2015, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, popularmente conhecido apenas como Han, publicou *Sociedade do Cansaço*, obra na qual descrevia o cansaço como uma doença que aflige a sociedade neoliberal das realizações. Ele falava de um *cansaço fundamental que nos acompanha o tempo todo e em todo lugar, como nossas próprias sombras*⁹, e que este poderia ser um fenômeno global. Han parecia estar prevendo o que viria pela frente. Logo após o auge da pandemia da covid-19, publicou o artigo *The Tiredness Virus*, dizendo que o cansaço que experimentamos durante a pandemia o fez pensar novamente no assunto. Suas reflexões me obrigaram a rever profundamente o meu conceito sobre liberdade: *O trabalho, em determinado ponto, acaba. A compulsão de realização à qual nos sujeitamos vai para além desse ponto. Está conosco nas horas de lazer, nos atormenta até durante o sono e, muitas vezes, nos faz passar noites sem dormir. É essa pressão interna, especificamente, que nos cansa. Distúrbios psicológicos como a depressão ou o esgotamento (burnout) são sintomas de uma profunda crise de liberdade. São um sinal patológico e indicam que a liberdade de hoje muitas vezes acaba virando compulsão. Achemos que somos livres.*

⁸ As Mulheres de Freud / Lisa Appignanesi, John Forrester - Ed. Record - 2010 (páginas 36 a 42)

⁹ O vírus capitalista do cansaço incessante / Artigo de Byung-Chul Han - 17, Maio, 2021

*Mas, na verdade, nós nos exploramos intensamente até colapsar. O sujeito realizador acredita que é livre, quando na verdade é um escravo*¹⁰ – de si mesmo.

Não encontrei nenhuma referência a gênero neste artigo do Han. Não tenho dúvidas de que esta *síndrome da fadiga crônica*¹¹, da qual ele nos alerta, não seja uma exclusividade nossa, feminina. Mas sim, pretendo investigar com mais carinho o papel potencial da psicanálise na vida das mulheres, especialmente as brasileiras, como eu, num cenário comprovadamente desigual. Um estudo do *Institute For Health Metrics and Evaluation* de 2019 revelou que, no Brasil, sete em cada dez pessoas diagnosticadas com depressão e ansiedade eram mulheres¹². Uma atualização recém publicada pelo mesmo Instituto no *The Lancet Public Health*¹³, agora em âmbito global, diz que em 2021 as mulheres tiveram taxas mais elevadas de perda de saúde devido a distúrbios depressivos. Impulsionada por esses dados, em 2023, a ONG Think Olga, que se dedica a sensibilizar a sociedade para as questões de gênero e intersecções, resolveu examinar o problema mais de perto. Para entender como estava a saúde emocional das brasileiras depois da pandemia, perguntaram a 1.078 mulheres, de 18 a 65 anos, de todos os estados, sobre os aspectos da vida que têm gerado mais sofrimento e insatisfação, e de que forma elas cuidam da própria saúde mental. Batizou o relatório como “Esgotadas”. Nas palavras das realizadoras, “os números assustam, mas não surpreendem”. Quase metade (45%) possui um diagnóstico de ansiedade, depressão ou algum outro transtorno mental. Estresse, irritabilidade, sonolência, fadiga, baixa autoestima, insônia e tristeza são sintomas experimentados por elas cotidianamente. Dentre as principais causas apontadas estão a falta de dinheiro, a sobrecarga e a insatisfação com o trabalho¹⁴.

A Posição Natural das Mulheres

*Durante os debates da Sociedade Psicanalítica de Viena sobre a ‘Posição Natural das Mulheres’, em 1906, Freud teria dito: ‘Uma mulher não pode ganhar o sustento e criar os filhos ao mesmo tempo. As mulheres como um grupo não lucram com o movimento feminista moderno; no máximo algumas individualmente se beneficiam*¹⁵. Não consigo discordar completamente. Já ouviram falar em trabalho invisível? As mulheres brasileiras costumam dedicar aos afazeres domésticos e cuidados com parentes (crianças, idosos, enfermos ou pessoas com necessidades

¹⁰ O vírus capitalista do cansaço incessante / Artigo de Byung-Chul Han - 17, Maio, 2021

¹¹ IBDEM

¹² *Esgotadas*, Relatório do Laboratório Think Olga de exercícios de futuro - 2023

¹³ Differences across the lifespan between females and males in the top 20 causes of disease burden globally, Institute For Health Metrics and Evaluation / *The Lancet Public Health* - 1º, Maio, 2024

¹⁴ *Esgotadas*, Relatório do Laboratório Think Olga de exercícios de futuro - 2023

¹⁵ As Mulheres de Freud / Lisa Appignanesi, John Forrester - Ed. Record - 2010 (páginas 36 a 42)

especiais) o dobro do tempo que os homens dedicam semanalmente¹⁶. E por que continuamos a aceitar esta sobrecarga se hoje temos tanta liberdade? – me pergunto. Aceitamos ou desejamos? Para Han, “a autoexploração é mais eficiente do que a exploração comandada por outros, porque ela anda de mãos dadas com um sentimento de liberdade”. Há uns anos atrás, quando T. estava no início de sua adolescência e eu era uma workaholic do setor audiovisual tentando manter nossa integridade, uma auto-imagem fantasiosa se desenhava com certa frequência na minha cabeça. Eu me via como uma malabarista circense caminhando pela corda bamba, só que nunca conseguia enxergar, exatamente, o que estava arremessando aos ares. Sempre que tentava fisgar a imagem das minhas mãos, elas estavam vazias. Estudando psicanálise, a expressão “sonhar acordada” ganhou um duplo sentido pra mim.

O que a psicanálise poderia fazer por nós? Seria uma questão de ego ou de sobrevivência? E qual seria o papel da psicanálise entre as mulheres de baixa renda, cujos desafios são muito maiores que os meus, numa classe média brasileira? E se o problema estiver mais do lado de fora do que de dentro? E será que existe tal separação? Ainda assim, me parece fundamental e inevitável que haja um protagonismo de cada uma de nós na própria mudança. Porque desconfio que se formos esperar que o mundo se torne mais justo de fora para dentro, corremos sérios riscos de morrer sentadas na poltrona ou deitadas no divã. Bordemos, então, ponto a ponto, de dentro para fora, a nossa verdadeira libertação. Arregacei as mangas, como de costume, e ergui a barra da saia para caminhar pelo mato sem cachorro no qual me enfiei. Mergulhei de cabeça na teoria, nos debates, nas palestras, nos cursos, e agora aqui, neste ensaio. Fui à caça!

Malabaristas do supraeu

Quando Freud introduz os conceitos de Id, Ego e Superego, em sua segunda teoria do aparelho psíquico, ele nos faz pensar sobre os nossos ideais. Ele fala de ideais muito particulares que dizem respeito ao ego de cada um, e dos ideais sociais, que pairam no ar que respiramos desde o instante em que colocamos o nariz para fora das barrigas de nossas mães. Se buscarmos a tradução literal do termo em alemão *über-Ich* (superego), saberemos que *über* se traduz por “acima de”, de modo que superego estaria mais para um supra-eu do que para um super-eu. O superego teria, então, *um papel assimilável ao de um juiz ou de um censor interno relativamente ao ego*¹⁷ – uma instância psíquica dentro da gente que estaria fiscalizando a nossa vida incessantemente. *Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego*¹⁸. Já

¹⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Outras formas de trabalho 2022 – IBGE

¹⁷ Vocabulário de Psicanálise, Laplanche e Pontalis – Ed. Martins Fontes (páginas 124, 125, 497, 498)

¹⁸ IBDEM

sabemos o peso que esses ideais sociais exercem em especial sobre as mulheres – casamento, maternidade, família, carreira, saúde inabalável, um corpo bonito, e o pacote de preceitos que o próprio termo feminilidade envelopa. Resultado: *o ego não consegue alcançar, não consegue performar do jeito idealizado, ele falha, sucumbe*¹⁹. Quando finalmente parecemos agarrar um ou dois desses ideais de altíssima performance, outros dois ou três nos escapam pelas mãos simultaneamente. E esses ideais altíssimos, que nós mesmos inventamos, também chegam aos nossos filhos tornando-se sua própria tormenta – não tem como carimbar a carteirinha de vacinação. Os sentimentos subsequentes costumam ser de frustração, fracasso, culpa e autodepreciação. *É muito raro alguém chegar num consultório psicanalítico sem culpa, e a culpa tem uma relação direta com essa performance insuficiente do ego*²⁰. Se Freud já enxergava assim na primeira metade do século XX, de que forma evoluímos? Para Han, *essa autoflagelação permanente nos deixa cansados e, em última análise, deprimidos. As baterias não carregam mais. O cansaço fundamental é um tipo de esgotamento do ego*²¹.

Não satisfeita fui ouvir uma psicanalista que admiro muito, a Vera Iaconelli. Num trecho de seu curso *Sobre Mães e Pais: Uma Visão Psicanalítica*, Vera traz um breve relato que me ajuda a fechar este esboço de autorretrato contemporâneo: *A clínica é repleta de principalmente mulheres, por uma questão cultural, dizendo que estão no trabalho se sentindo culpadas em relação aos filhos e que estão com os filhos se sentindo culpadas em relação ao trabalho, porque estão premidas por uma fantasia de que deveriam estar 100% em cada um dos lugares. E, ao invés delas se questionarem e pensarem ‘tem alguma coisa errada neste raciocínio’, elas falam ‘não, tem alguma mulher aí que consegue fazer isso melhor do que eu*²². De fato teríamos que passar por uma revisão radical dos valores e princípios que regem a nossa sociedade para nos tornarmos imunes ao “vírus do cansaço”, como Han constatou. Mas para nós, mulheres, o desafio me parece ser um tanto mais sutil, subjetivo e delicado. Caberia a cada uma de nós uma revisão pessoal anterior, sobre os fatores conscientes e inconscientes que nos levam a produzir idealizações insustentáveis, a repetir padrões sufocantes e a nos submeter, de forma masoquista, à sobrecarga física e mental.

Per via di levare

Esvaziar os ideais é algo extremamente difícil, é preciso aliviar a nossa relação com esse superego rígido, esta cobradora implacável que habita em nós, e que é parte consciente, parte

¹⁹ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 9 O ego como nossa ilusão preferida

²⁰ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 9 O ego como nossa ilusão preferida

²¹ O vírus capitalista do cansaço incessante / Artigo de Byung-Chul Han - 17, Maio, 2021

²² Sobre Mães e Pais: Uma Visão Psicanalítica – Vera Iaconelli, Casa do Saber, plataforma streaming educação

inconsciente. Mas está aí um dos principais desafios e potenciais da psicanálise. Não se trata de deixar de desejar ou planejar uma forma de viver que lhe pareça interessante e prazerosa sempre que possível. Nada disso é ruim, pelo contrário, é pulsão de vida! Mas na análise vamos aprendendo, pouco a pouco, a relativizar os nossos ideais, a torná-los menos inatingíveis. Abrimos o baú de fantasias e vamos examinando uma a uma – as que herdamos dos nossos pais, as que não herdamos e criamos pela ausência deles, as que compramos com nosso primeiro salário, as que cobiçamos na vitrine dos outros, e as que costuramos com as próprias mãos ao corpo. Vamos separando as que já foram úteis, as que ficaram apertadas e desconfortáveis mas seguimos vestindo por medo ou apego, e as que nunca nos serviram mas permaneceram lá, no fundo do baú. Vamos aprendendo a desconstruir padrões e crenças que nos aprisionam e exaurem. Freud certa vez usou uma expressão italiana, *per via di porre, per via di levare*²³ (pela via de por, pela via de retirar), para descrever metaforicamente o que seria um processo de análise. Com isso quis dizer que a psicanálise, se comparada às artes, tem mais a ver com a escultura do que com a pintura. Na pintura precisamos colocar tinta numa tela em branco, na escultura não. Para esculpir precisamos retirar o material bruto, os excessos vão ficando pelo chão, os fragmentos de pedra, a argila, o pó... até que a imagem se revele. Esse esvaziamento passaria, então, ao meu entender, por um mapeamento das nossas repetições e padrões autodestrutivos, pela interpretação das nossas resistências e mecanismos de defesa e, enfim, pela reelaboração desses ideais insustentáveis.

Talvez por isso um tratamento psicanalítico possa levar anos, entre idas e vindas, avanços e retrocessos – porque resistimos e temos um certo ganho com determinadas posições, um ganho simbólico. A série canadense *Workin' Moms*²⁴, traduzida para o português como Supermães, propõe o oposto – ela propõe que a gente incorpore a perda! E perder pode ser bom. Quatro amigas, mães, trabalhadoras, muito diferentes entre si, tentam equilibrar seus empregos, finanças, carreiras, famílias, maternidade, vidas amorosas... e falham. Uma é mãe de dois e psiquiatra, tem um casamento feliz mas pisa na bola constantemente com a filha adolescente, e tem zero paciência na clínica. Outra é uma força criativa no trabalho e deslancha na carreira, mas é o oposto da mãe modelo na escola dos filhos e acaba sendo traída pelo marido com a babysitter. A série foi criada e escrita por uma mulher, Catherine Reitman, e roteirizada por outras quatorze. Em gênero de humor, é um convite divertidíssimo ao deleite de nos autorizarmos sermos humanamente insuficientes. Assim, me despeço deste primeiro ciclo de estudos com a esperança de que por meio da psicanálise possamos nos rever, repensar e por que não, nos reinventar. Quanto ao meu presente de dia das

²³ Leandro dos Santos - Podcast Radio Freud - Capítulo 9 O ego como nossa ilusão preferida

²⁴ Supermães – série audiovisual lançada em 2023 – Netflix Brasil

mães – a saber que ainda represento colo e conforto, mesmo à distância – que presente maior para a alma senão descobrir-se e redescobrir-se amor?

Triste, louca ou má
Será qualificada ela quem recusar
Seguir receita tal, a receita cultural
Do marido, da família, cuida, cuida da rotina
Quem não sem dores aceita que tudo deve mudar?
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Ela desatinou, desatou nós, vai viver só
Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas e a vida reinventar
Francisco, el Hombre: Triste, Louca ou Má²⁵

²⁵ *Triste, Louca ou Má* / música - composição de Ju Strassacapa / banda Francisco, el Hombre

2º Semestre 2024

Ciclo II

Nome: Frederico Cunha Valim

Título: Todo Homem



Fonte da imagem: O autor

"Todo Homem"

Iniciar os estudos psicanalíticos alteraram minha percepção em relação à música, literatura e arte. Antes não percebidos ou tidos como experiências silenciosas e contemplativas, agora se transformam em conteúdos que ganham vida e se entrelaçam com diferentes sentidos do inicialmente estimulado. Uma música evoca imagens; uma colagem sobre parede na rua cria despertar de memórias infantis, enquanto as leituras frequentemente resgatam lembranças que se desdobram como cenas de um filme.

Em uma das leituras sobre psicanálise cheguei a textos sobre psicanálise e música. Um dos trabalhos intitulado "Psicanálise e Música" escrito por Sandler (2000), cita que a música é o modo ímpar de dizer o que não pode ser falado — e ouvir o inaudível. Ainda no texto é descrito que "a música expressa impulsos, pensamentos, urgências, serenidades, tumultos e não-tumultos da mente". O autor associa música e psicanálise como convergentes em alguns pontos, pois "irmanam-se na demanda que fazem do observador de suportar uma série considerável de paradoxos que não podem ser resolvidos." Assim psicanálise e música necessitam que ao escutar, estejamos disponíveis a ter contato com algo que excede a realidade consciente, apreendendo na análise pontos latentes do sujeito e na música sua mensagem.

Kohut e Levarie (1978) descrevem sobre como o aparelho psíquico reagiria ao som, algo que poderia ser ameaçador: "(...) o aparelho mental arcaico, seja no bebê, no homem primitivo ou em circunstâncias especiais no adulto, tende a perceber o som como uma ameaça direta e a reagir a ele de maneira reflexa com angústia." Ao associar essa ameaça devido a angústia trazida pelo som, podemos associar com o que foi descrito por Nogueira (2010): "(...) o artista não é alguém salvo das vicissitudes pulsionais da existência, mas sim alguém que se protege de um modo peculiar do mal-estar humano". No caso da composição musical o artista realizaria a sublimação de uma energia pulsional, criando uma proteção ao desconforto causado pela frustração da realização de certos desejos. Em diálogos sobre pulsão de morte para Freud e o caráter do processo analítico de perder e criar, Pereira (2011) desenvolve que "a sublimação enfatiza o querer, a aventura, o perder-se. E a criação de novo objeto, que traz as marcas da aventura particular vivenciada por aquele sujeito específico. O Eu coloca-se, então, em busca do misterioso das Ding, do objeto impossível. Ou melhor: reinveste sua libido no mundo e transforma qualquer objeto que o cativa em das Ding, produzindo o mais-de-gozar." Assim a sublimação pela música forneceria esse novo objeto, auxiliando o compositor no suportar de uma angústia.

Ouvindo desde 2018 a música "Todo Homem", no último mês pude escutar pela primeira vez. Além da melodia, a música desenha em seus versos letras com conteúdos imagéticos e simbólicos, aspectos da fantasia de um dia na praia e agora com inscrições da teoria e da psicanálise. Este trabalho busca associar trechos da letra da música "Todo Homem" composta por Zeca Veloso com conteúdos psicanalíticos.

"Todo Homem" (Zeca Veloso)

"O sol, manhã de flor e sal

E areia no batom"

Na análise, o sol se associaria com certa percepção que temos de que há algo que brilha e que rege nossos caminhos conscientes, sem sabermos que a cada momento somos regidos pelo inconsciente. Buscamos na análise alívio de sintomas, percebendo flores e outros objetos que sempre estiveram ao nosso redor com certo punhado de sal, salgando momentos antes insossos. Há ainda no desenrolar de uma análise, aspectos que perturbam, como a experiência de sentir um grão de areia no batom. Freud (1923) escreve que "o caráter do eu é um precipitado de catexias objetais abandonadas e ele contém a história dessas escolhas de objeto" e "o eu é formado a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo Id". Compreender que o que anteriormente embelezaria e ajudaria a marcar aspectos de nosso eu, hoje com areia, já não nos serviria mais ou geraria desconforto faz parte de uma evolução de análise. Há uma grande complexidade no sujeito, principalmente ao nos darmos conta que há uma grande variedade de objetos para nossa satisfação ou mesmo sublimação.

"Farol, saudades no varal

Vermelho, azul, marrom"

As saudades no varal se assemelham às memórias de infância que vão sendo penduradas para secar ao sol do processo de uma análise. Freud ([1899] 2006) sobre lembranças da infância descreve

"você a selecionou dentre inúmeras outras da mesma espécie ou não, porque, graças a seu conteúdo (em si mesmo irrelevante), ela se prestava bem para representar as suas fantasias, tão importantes para você. Uma recordação como essa, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes".

Ainda no texto *Lembranças Encobridoras*, Freud questiona "por que se suprime precisamente o que é mais importante, retendo o irrelevante". No caso da letra a escolha das cores vermelho, azul e marrom podem fazer alusão a uma escolha trivial de cores que de maneira visual teriam marcado uma lembrança encoberta de outros fragmentos de experiências e cores vivenciadas pelo compositor. O vermelho, azul e marrom se entrelaçam, nesse jogo de cores representariam ainda afetos enterrados no inconsciente, prontos para emergir na consciência.

"Eu sou cordão umbilical

Pra mim nunca tá bom"

O cordão umbilical, símbolo da primeira e maior expressão da ligação entre a díade mãe-filho, tece laços profundos entre o eu e a mãe, uma relação fundamental na psicanálise, onde a busca por completude ecoa através do inconsciente. O Édipo criaria assim um segundo corte desse cordão, agora imaginário, submetendo o filho a uma diferenciação da figura materna. Segundo a visão de Freud (1940/1996) relata "Deve-se reconhecer que aí está uma solução muito hábil de dificuldade, com um preço, porém a ser pago" sobre o complexo de Édipo, onde a angústia de castração viria deste impasse frente a uma exigência pulsional proibida pela realidade. Freud ainda descreve "o sucesso foi obtido ao preço de um dilaceramento do eu, que não será curado com o tempo", cura essa que levaria a uma percepção eterna de como na letra da música que para mim nunca estaria bom.

"E o sol queimando o meu jornal

Minha voz, minha luz, meu som"

O sol queima o jornal, essa metáfora da luz da análise incendiando as ilusões lidas diariamente pelo ego em escritos ditados pelo desconhecimento da existência do inconsciente, revelariam a verdade da existência. Enquanto o céu se abre com o sol de uma manhã, o psicanalista oferece

abrigo, sustento e compreensão, como uma mãe acolhedora para que o analisando possa encontrar seu próprio som. Som esse durante uma análise disfarçado pela voz do analista, refletindo a própria luz do analisando.

"O céu, espuma de maçã

Barriga, dois irmãos

O meu cabelo negra lã

Nariz, e rosto, e mãos

O mel, a prata, o ouro e a rã

Cabeça e coração"

O céu, o mel, a prata, o ouro e a espuma tratariam de representação do sensório, junto aos detalhamentos corporais citados em nariz, rosto e mãos. Freud (1923) diz que a superfície corporal seria "um lugar do qual pode partir simultaneamente percepções internas e externas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna". Assim o ego "não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície". Nesse corpo estaria dentro da barriga abrigados dois irmãos: o ego e o id, em eterna luta pelo controle. Freud escreve "É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade." Dentro desse mesmo texto Freud cita a analogia do cavaleiro e o cavalo: "um cavaleiro, caso não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo de tempos em tempos aonde este quer ir. Da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria". O trajeto de uma análise ainda realizando analogia com o cavaleiro e seu cavalo, seria de tomar as rédeas do cavalo e guiar sobre um caminho diferente a cada momento, sabendo que não há um mapa norteador ou um destino específico.

"E o céu se abre de manhã

Me abrigo em colo, em chão

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe"

Freud (1905/1972) estabelece que o seio materno é o primeiro objeto sexual em "Existem, portanto, boas razões para que o ato de uma criança sugar o seio da mãe se torne o protótipo para toda relação de amor. Encontrar um objeto (die Objektfindung) é na realidade reencontrá-lo". Em "todo homem precisa de uma mãe" é resumido em seis palavras a importância da figura materna como formadora do ser humano enquanto sujeito desejante.

Referências

- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. Primeiras publicações psicanalíticas (1893—1899). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 285-304.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. (1923). O eu e o Id. In: . O eu e o Id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-86 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIX).
- KOHUT & LEVARIÉ, S. (1950). On the enjoyment of listening to music. In P. Ornstein (ed.). The search for the self. Vol. I. New York: International Universities Press. New York, 1978.
- NOGUEIRA, T. S. Notas sobre um infinito: Música e Psicanálise. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado), Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Pereira, Cássia Maria Chaffin Guedes; Winograd, Monah (orientador); Castro, Cláudia Maria (coorientador). A perdição criadora. Rio de Janeiro, 2011. 212p. Tese de Doutorado — Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SANDLER, P. C. Psicanálise e Música - Um estudo transdisciplinar de transformações em GRADIVA, 2000.

APÊNDICE

Todo Homem

Zeca Veloso

O sol, manhã de flor e sal
E areia no batom

Farol, saudades no varal
Vermelho, azul, marrom

Eu sou cordão umbilical
Pra mim nunca tá bom

E o sol queimando o meu jornal
Minha voz, minha luz, meu som

Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe

O céu, espuma de maçã
Barriga, dois irmãos

O meu cabelo negra lã
Nariz, e rosto, e mãos

O mel, a prata, o ouro e a rã
Cabeça e coração

E o céu se abre de manhã
Me abrigo em colo, em chão

Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe

Álbum: OFERTÓRIO AO VIVO
Veloso

Ano: 2018

Compositor: Zeca Veloso

Caetano Veloso, Zeca Veloso, Tom Veloso e Moreno

2º Semestre 2024

Ciclo III

Nome: Livia Cristina Gomes Maalouf

Título: O casal perverso

O CASAL PERVERSO - dinâmicas da cama ao divã

Caracterização da Montagem Perversa

O mecanismo de defesa característico da neurose é a repressão, que, segundo Sigmund Freud, consiste em “afastar determinada coisa do inconsciente, mantendo-a à distância”²⁶. Já na perversão, a recusa atua como mecanismo de defesa típico na castração: há a percepção do conteúdo que é inaceitável, e uma ação enérgica para recusá-lo. O sujeito conserva a crença, mas também a abandona, na medida em que, “no conflito entre o peso da percepção indesejada e força do desejo contrário chega a um compromisso, que é possível apenas sob a direção das leis do pensamento inconsciente - dos processos primários”²⁷.

O neurótico, embebido pela fantasia de união ou completude, tem o amor objetual, que é sabotado pela proibição (Freud) ou impossibilidade (Lacan)²⁸. Na perversão, no entanto, o sujeito realiza a operação do desmentido, transformando o objeto que desliza em um objeto fetiche. O objeto fetiche é “parado”, no sentido de que se torna algo fixo, imóvel e “morto”, com o intuito de defender o sujeito da ameaça da castração²⁹. O objeto, para servir a esse fim, deixa de ser total (pessoa) e passa a ser parcial.

²⁶ FREUD, S. (1915). Repressão. In: _____. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 152.

²⁷ FREUD, S. (1926-1929). Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos. Fetichismo. Edição Companhia das Letras, Obras completas Volume 17, pp 428.

²⁸ Coutinho Jorge, M. A. (2008). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan (Vol. 1), as bases conceituais Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

²⁹ FREUD, S. (1926-1929). Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos. Fetichismo. Edição Companhia das Letras, Obras completas Volume 17, pp 426-427.

Por exemplo, o objeto é um pé, deixa de ser um outro dinâmico, e passa a ser algo controlado, esquematizado e sem vida. O objeto pretensamente satisfaz o gozo, mas, para tal, deixa de ser objeto-sujeito e torna-se objeto em si, rígido, claro e morto em sua fantasia.

A castração, que ameaça o narcisismo, é negada, a ausência do falo é substituída pela presença do objeto fetiche e o sujeito perverso retoma sua potência ante a relação objetal controlada através do objeto parcial.

Nesse sentido, seria a relação perversa a relação entre o sujeito perverso e o objeto fetiche, encoberto pelo véu da paralisação. Assim, assume-se uma suposta “não falta”, desde que tal gozo seja usufruído pela assunção de parcialidade do objeto.

E quando a perversão se coloca não através do “objeto em si” (por exemplo o fetiche em pés, ou no brilho específico do nariz, ou na fantasia de coelho)? Na lógica da perversão que toma por objeto um sujeito, qual a dinâmica? É necessária a mobilização do outro para um estado puramente objetal, rígido e abandonado de sua subjetividade? É preciso que o sujeito deixe de ser total e passe a ser parcial? Se sim, isso se daria apenas perante o perverso ou para o próprio sujeito do par também? Em que termos é formado esse contrato? A que serve a esse outro assumir o papel de objeto despersonalizado?

É esse o recorte que será aprofundado nesse texto. Sem a pretensão de responder definitivamente nenhuma das questões acima, vamos nos debruçar sobre a possibilidade de uma relação perversa entre dois sujeitos. Em especial, entre um sujeito de estrutura psíquica perversa e um outro neurótico.

Uma leitura sobre esse tipo de dinâmica se utiliza do conceito de *montagem*. O termo *montagem* designa a “*operação pela qual se juntam peças de um mecanismo para fazê-lo funcionar*” (Dicionário de Oxford)³⁰.

Assim, os sujeitos se dispõem de modo estratégico e organizado, numa tentativa de se chegar à modalidade de gozo que aparenta ser possível.

³⁰ MONTAGEM, In Oxford Dictionary, 2022.

E como se delineia essa possibilidade de gozo para a união de um sujeito perverso com um neurótico?

Uma característica marcante da organização perversa seria a construção de um contrato, ainda que tácito. “Funcionando” o sistema operacional escolhido, há aderência irrestrita às normas e leis da própria relação, que são colocadas como regras de cumprimento cabal, a despeito de sua lógica ou adequação ético-moral.

Esse contrato, muitas vezes, fundamenta relações duradouras e aparentemente bem-sucedidas, ainda que esconda mazelas bastante penosas. Como um acordo reconhecido em cartório, é definido e delineado o abuso “autorizado” da perversão.

O sujeito que atribui a si o lugar de detentor do suposto saber, o perverso que acredita ser capaz de chegar ao gozo através do objeto fetiche, terá a sua suposição de como chegar à esse gozo como aderente e dominante na relação, uma vez que o sujeito neurótico se vê incapaz ou proibido de deter tal conhecimento.

Em tal cenário, o objetivo do outro é negligenciado, e, para que o casal “funcione”, não é necessário o conhecimento profundo do parceiro, mas apenas de qual significante o outro é prisioneiro. Nesse sentido, a obra de Jean Clavreul intitulada “O Desejo e a Perversão”, de 1967, descreve: *“basta conhecer ao suficiente aquilo de que não consegue se libertar, aquilo que se presta para ser manejado a fim de fazê-lo atingir os picos da angústia e do gozo”*³¹.

Assim, poderá o neurótico usufruir do suposto saber do caminho do gozo e da unidade que detém o sujeito perverso; e o perverso, usufruir da disponibilidade do neurótico de abandonar a singularidade para validar seu falo.

Mas por que o neurótico teria aderência a esse caminho? A posição do neurótico por si só é insatisfatória, pois além do seu gozo ser impossível, é dele que o neurótico se defende. Na lógica de montagem de uma relação perversa, o neurótico concorda pelo sacrifício da sua própria condição de sujeito singular para assumir-se como objeto estático condicional do gozo do outro. O cenário se

³¹ CLAVREUL, Jean. *O desejo e a perversão e outros*. São Paulo: Papirus, 1990

torna atrativo e o preço da própria singularidade parece pequeno, uma vez que a outra possibilidade seria o gozo sempre inatingível.

E, por fim, torna-se possível a ilusão do gozo.

O contrato, além de definido, deve ser secreto. Isso pois, vai contra os princípios que regem as trocas sociais convencionais. No casal perverso, há uma alternância entre carinho e maus-tratos. Os picos de angústia e gozo se intercalam de forma dissonante ao ritmo da esfera social.

O sigilo é tão importante para a manutenção da relação que, caso o segredo do contrato deixe de ser velado por algum dos dois e for exposto, muitas vezes o contratado é anulado e a união se desfaz. Essa é a principal razão para a separação do casal, a quebra do contrato ou do sigilo do mesmo se sobrepõem à questões de fidelidade, violência ou desrespeito.

Enquanto na neurose, o Eu, a serviço da realidade, suprime uma parte do Id, na perversão o sujeito nega uma parte da realidade (castração) a serviço do Id³².

O perverso sabe sobre a castração- inevitavelmente, assim como sabe que é insuperável-, e ainda sim quer negá-la. Não é uma recusa diante de algo que não é capaz de saber existir, mas diante de algo que sabe que existe e precisa negar.

Por isso o outro precisa assumir os dois lugares: o lembrá-lo da castração, retomando o lugar do pai (aqui, como figura inicial da castração), e depois, ser superado pelo perverso. Nas palavras de Joel Dor, o perverso “é levado a colocar a Lei do pai (e a castração) como um limite existente para melhor demonstrar, em seguida, que ela não é um limite”, tirando o “benefício voluptuoso de seu gozo nesta estratégia de ultrapassagem”, e se servindo de “um cúmplice, imaginário ou real, isto é, uma testemunha ofuscada pelo truque fantasmático em que o perverso se encerra frente à castração”³³.

Assim, quando o par do perverso aloca o lugar de saber no perverso e o caracteriza com o falo que lhe é faltante, se resgata tanto a própria existência da castração, quanto a imunidade do perverso a ela. Se performa a ilusão da negação da castração, que existe, mas cujo falo do perverso é tão

³² FREUD, S. (1926-1929). Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos. Fetichismo. Edição Companhia das Letras, Obras completas Volume 17, pp 431-432..

³³ DOR, J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1991. (impressão 1997), p. 48-49.

potente que não se atinge por ela. O neurótico pega emprestado com o perverso, nesta relação, a capacidade de desmentir a castração.

A Perversão no Laço Social

As estruturas, que na psicanálise freudiana se dão a partir do complexo de Édipo, castração, respectiva angústia e identificações ao significante fálico, se organizariam, através dos indivíduos representantes, para a *montagem* de um sistema.

Já Lacan, entende os “tempos”, “fases” ou etapas, não através do desenvolvimento psicosssexual de Freud mas a partir de estruturas complexas e atemporais, organizadas a partir da relação com o outro na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo. Da sua teorização e registro simbólico, haveria um ordenamento do corpo operado pelo Outro.

Entendendo a perversão como estrutura psíquica, é possível articulá-la na abordagem do laço social, que ocorre tanto na relação entre sujeitos quanto na transferência da clínica psicanalítica.

Nesse sentido, entendem Calligaris³⁴ e Aulagnier³⁵ que o conceito de montagem perversa também se aplica à situação em que dois neuróticos assumem uma montagem de perversão. Nesse caso, haveria uma associação entre um neurótico mais perverso e um neurótico mais neurótico, organizados em uma tentativa de se chegar à uma modalidade de gozo. Assim, a organização da montagem por si só, a despeito de uma caracterização definida da estrutura psíquica do perverso, poderia instalar uma dinâmica de casal perverso.

Ademais, não é possível restringir a perversão apenas ao campo da sexualidade, ela é dotada de um caráter relacional prevaiente, com o laço social sendo o protagonista na definição de seus mecanismos psíquicos. Tal raciocínio é apontado no artigo “Angústia e Identificação”, de Piera Aulagnier³⁶, e apresenta uma evolução do pensamento de perversão como conceito que trata unicamente da esfera sexual.

³⁴ CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural J. Lacan, 1986. 80 p.

³⁵ AULAGNIER, P. Angústia e identificação. In *Percurso - Revista de Psicanálise*, n.14. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1995. p.10-11.

³⁶ AULAGNIER, P. Angústia e identificação. In *Percurso - Revista de Psicanálise*, n.14. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1995. p.10-11.

No entanto, as conjecturas sexuais funcionam como mecanismo simbólico central para a compreensão da perversão. É possível observar a dinâmica sexual para a compreensão desse fenômeno, mesmo que ele ultrapasse em muito a esfera do corpo.

À vista disso, aplicamos a lógica de que o perverso é o personagem que precisa de uma encenação específica para gozar nos laços sociais, ultrapassando o recorte sexual para que abranja as esferas relacionais. Afinal, o gozo, desejo, pulsão, controle, falo, castração,... operam em contextos muito além dos entre-lençóis da cama. Mas nos valendo da simbologia desses elementos dentro da esfera sexual, conseguimos uma compreensão gráfica de representação muito assertiva.

Caso Clínico e Transferência

Em se tratando da relação transferencial com o perverso, geralmente surgem duas possibilidades: ou o analista é colocado no registro da cumplicidade (ocupando algum desses dois lugares, de instrumento ou saber), ou, no registro do desafio³⁷. No primeiro, é como se o perverso colocasse o analista dentro do mesmo fantasma que ocupa, como uma testemunha e, no segundo, como se o analista fosse o castrador a ser superado, participando da encenação da estratégia de ultrapassagem.

Autores, como Calligaris³⁸ e Austin³⁹, constatarem que é rara a presença de um perverso na clínica. Muitas vezes eles possuem características de resistência à auto indagações e questionamentos, ou, a perversão não os incomoda em um nível superficial a ponto de buscarem análise.

Por vezes, o perverso tende a acabar na clínica por indicação de outros, sejam pessoas do seu relacionamento, psiquiatras ou condenações que exijam tratamento psicológico.

Aqui, me valho de um caso particular que acompanhei, em conjunto com o meu grupo de supervisão. Trata-se de um casal que buscou atendimento psicanalítico em conjunto para tratar de questões relacionais, composto por uma mulher, de estrutura neurótica e um homem, de estrutura perversa.

³⁷ CLAVREUL, Jean. *O desejo e a perversão e outros*. São Paulo: Papirus, 1990

³⁸ CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural J. Lacan, 1986. 80 p.

³⁹ AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Nesse caso em particular, quem solicitou a análise foi o próprio homem, o que acabou se mostrando como um mecanismo de tentativa de assertividade da sua própria perversão. Ocorre que este homem se dirigiu à clínica, com sua esposa, para tentar legitimar a sua posição de controle, e a ausência de singularidade -já há muito estabelecida- de sua parceira.

Ele passou todo o período de análise buscando manipular a analista para que ela acreditasse que a parceira era a portadora das perturbações que geravam conflito entre o casal. Em análise, jamais foi capaz de admitir suas impotências ou sequer olhar para si, fazendo-o apenas quando era ferramenta necessária para o convencimento da sua própria normalidade.

A esposa, neurótica, e com self enfraquecido, tinha tendência a abrir mão da autoridade sobre o caminho para o gozo de ambos, e facilidade em se culpabilizar por todos os sintomas desvelados na situação a dois.

As manobras manipulativas do sujeito perverso eram tão bem forjadas, que não fosse a experiência e destreza da psicanalista, ela teria acatado, também, a sua visão, e legitimado a montagem ali estabelecida. E esse era o objetivo do esposo.

O que se observou na relação transferencial, foi a necessidade de um cúmplice, terceiro (analista), que teria o papel de ajudá-lo a negar a castração. Isso se mostra necessário pois o perverso só conserva a ilusão de superação da castração quando encontra respaldo naqueles que o cercam.

Não foi por coincidência que ele resolveu buscar a análise justamente quando a esposa, já bastante investida no seu processo de análise individual, começou a mudar algumas escolhas de abdicação da singularidade que havia feito. Ela buscava autonomia e a recuperação do dinamismo e originalidade da qual havia aberto mão quando fez o tácito contrato para adentrar no casal perverso.

Pouco a pouco, começou a retomar seu senso de indivíduo, voltando a se dedicar aos interesses pessoais, fazendo escolhas profissionais independentes da vontade do parceiro e inclusive havia marcado uma viagem internacional longa para fazer um curso que lhe interessava, mesmo que o parceiro não estivesse disposto a acompanhá-la.

O equilíbrio do pacto entre o casal se quebrou com essas iniciativas de retorno à subjetividade por parte da esposa, o que ameaçou fortemente a validação da recusa da castração que ela disponibilizava, antes, integralmente ao marido. Assim, ele se viu na necessidade de retomar ambos aos lugares que costumeiramente ocupavam no acordo, se valendo de respaldo adicional (analista) que o permitisse conservar a ilusão de completude na qual se encontrava. Caracteriza-se, assim, a necessidade de ganho secundário do processo de análise.

Na relação transferencial, o discurso perverso é bastante performativo, com o intuito de, fazer coisas, atuar. Segundo Austin *“o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação”*, de modo que *“se a recusa da castração leva a um arranjo ou encenação em que as outras pessoas são parte integrante, elas devem cumprir, nesse teatro, a parte que o perverso espera delas ou sua angústia sobrevirá”*⁴⁰.

Assim, com o próprio ato de falar, o perverso buscava envolver a analista para que ela atuasse na representação que ele precisava: respaldá-lo na ilusão de sua completude, de superação da castração.

Buscou, então, já que a mulher não cumpria mais o seu papel nesse jogo performático do modo que pretendia, utilizar-se da analista para que a montagem perversa fosse restaurada de forma bem sucedida, e provocasse o efeito desejado: aniquilar a angústia de sua castração.

Ocorre que, com a mulher neurótica, que muito bem conhecia a castração (objeto sempre desliza, afinal está perdido), e se sentia impotente em relação a ela, era fácil essa dinâmica. Na medida em que a castração se evidenciava através dela, e ela se engajava na crença de ausência própria de saber fálico, o esposo a superava e se encontrava suficientemente validado em sua ilusão. Mas não mais na dimensão anterior.

Já com a terapeuta, por mais que pretendido, não foi atingido o mesmo resultado. Ela não foi seduzida pela sedução performática do perverso, e ao não cooperar com a montagem, aumentou ainda mais sua angústia.

A castração se tornou mais palpável para o sujeito que a negava, que interrompeu o processo de análise, que se tornou insuportável para ele. Após, utilizou-se de todas as ferramentas que pode

⁴⁰ AUSTIN, J. L. How to do things with words. 2nd. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

para restaurar o anterior estado de cumplicidade perversa entre ele e a esposa, e, ao falhar, rejeitou-a por completo.

O casal se separou, a esposa, mesmo bastante desprovida de sua condição de sujeito individual, após anos abdicando-a, fez a viagem e tentou, com muita angústia e experienciando um estado ainda maior de castração e inaptidão para achar algum caminho do gozo, retomar sua subjetividade.

Além da breve e parcial ruptura que a esposa fez nos termos do contrato, quando buscou o resgate de sua subjetividade, houve a quebra do sigilo, vez que o contrato acabou se desvelando (ainda que nenhum dos dois tivesse falado abertamente disso) para a analista. O fato do contrato se tornar público foi um dos fatores que o anulou, gerando o desfazimento da união.

Então, com a ruptura do contrato e queda da dinâmica do casal perverso, ficou a esposa, já neurótica, ainda mais neurótica do que quando havia começado a relação. Isso pois, após décadas abdicando de ser quem era em sua singularidade, abriu mão de conquistar coisas próprias e da sua autonomia como indivíduo, tanto prática quanto emocionalmente. Assim, sua neurose encontrava uma série de evidências: não sei achar o gozo; não sei caminhar na vida; não soube traçar um caminho profissional; não consigo ser sem a guiança do outro; fui expulsa para fora de casa e não sei nem me proteger, sustentar ou me cuidar sem meu esposo; o objeto está perdido; sou completamente castrada; não sei absolutamente nenhuma maneira de me guiar na experiência humana sem aquele outro que me completava e que de todo o saber que me falta me provia.

O grau de ausência de subjetividade que assumiu ao longo dos anos, como sua parte no pacto da manutenção do vínculo do casal perverso, a tornou ainda mais debilitada em relação ao seu narcisismo necessário, e ela não era capaz de comportar nenhum suposto saber em relação a si mesma.

O esposo, por sua vez, viu-se em completa angústia ante a ausência de um objeto retificante através do qual poderia realizar sua perversão. Assim, desesperado por negar sua própria castração a si mesmo, buscou uma nova montagem perversa, com um objeto que pudesse respaldar sua posição fálica e narcísica, o reconhecendo como completo detentor de saber. Com outra construção que encenasse a superação da castração, seria possível desmentí-la/ recusá-la. Após duas semanas já

havia se colocado em outra relação, também uma montagem com o mesmo escopo, e estava morando junto com uma nova parceira.

Aliás, o desespero para fugir da angústia e reconhecimento da própria castração, amparado por um outro objetual foi tanto, que, antes mesmo de propor a terapia, no primeiro sinal de “quebra de contrato” da mulher, ele já estava indo em encontros românticos e buscando um novo objeto fetiche capaz de cooperar com a sua perversão.

A certeza do perverso na ilusão de que porta a verdade e seu superficial desapego à culpa fez com que a parceira assumisse toda a sua angústia. Assim, ainda que o par fosse apenas um objeto parcial, foi investido pelo perverso e desempenhou uma espécie de função mágica, absorvendo a responsabilização por ambos- afinal, seria necessário um pouco de reconhecimento da castração para falhar, e, conseqüentemente assumir as falhas.

No jogo perverso, a excitação erótica depende da certeza da inocência do outro. Ele goza com a própria culpa neurótica inconsciente, que então se denuncia através do outro. O erotismo cresce em proporção à angústia, aumentada pelo fato do perverso ocupar o lugar de ideal do eu para o seu parceiro.

No caso em comento, vê-se a imperativa necessidade do arranjo com objetos-outros para a reafirmação da montagem perversa, e subsistência da crença de que a castração é superada. É necessário o engajamento do outro no jogo erótico proposto pelo perverso.

Em relação ao discurso do perverso, observou-se a extensa exploração da auto-referência do desejo narcísico do interlocutor. Seja na atuação com a esposa, com a analista ou com a nova amante, o perverso estendeu às mulheres o espelho narcísico idealizante dos próprios desejos delas mesmas. Elas poderiam usufruir do suposto saber do caminho do gozo e da unidade que ele propunha mais enfaticamente, pois a ilusão se travestia com segurança. Tal abordagem atua como forma de sedução e também mecanismo para que pudessem dar a ele o olhar que mais alimentasse a suposta totalidade de seu narcisismo, e conseqüentemente lhe repusesse o lugar fálico de suposto saber que necessitava ocupar.

Pois bem, mais uma vez se reitera o discurso performativo, não com o fim de comunicar, mas de atuar no sentido de brincar como a propriedade auto-referente; refazer a recusa da castração e da fragmentação do eu.

O perverso revive, através do seu sintoma de atuação da perversão, a experiência de onipotência desfrutada pelo eu ideal, que é capaz de desmentir a castração. Diferentemente do neurótico, que busca esse sentimento através dos ideais, ele precisa de um outro que ateste o sucesso da sua superação à castração. Trata-se, portanto, de um mecanismo de reparação egóica operado pelo olhar de um outro.

Ocorre que, na perversão a castração não é apenas recusada, mas também admitida: o sujeito “sabe que... mas mesmo assim...”. Portanto, sempre se carrega a força da sombra do pai simbólico, mas que não pode sair da sombra e precisa ser desmentido, aumentando e qualificando a recusa da castração.

Sob essa ótica, a perversão se aproximaria mais da neurose do que da psicose. Além de ambas terem caráter objetual e simbólico, Freud caracteriza a criação do fetiche como produto do inconsciente, assim como os sonhos ou as neuroses.

Entende-se que a capacidade de colocar o véu sobre o objeto, fazendo com que ele se torne fetiche e reste imóvel, seja a capacidade primordial que faz com que o suposto saber e usufruto do gozo exista, e a castração possa, portanto, ser negada. Essa capacidade e a escolha de executá-la seria uma grande diferenciação entre o neurótico e o perverso, visto que ambos sofrem do mesmo horror da castração, tem desejo objetual e simbólico, mas lidam com isso se colocando em lugares opostos: um tem um objeto definido e estático, e é detentor dos caminhos para o gozo e capaz de superar a castração; o outro, tem objeto dinâmico e impreciso, que sempre lhe escapa, e é incapaz de deter conhecimento ou autonomia de guiança que o leve ao gozo (cujo objeto ele sequer sabe qual é).

O perverso precisa retomar a experiência de onipotência do eu ideal, voltando à identificação primordial antes da escolha do objeto, afinal, não é sobre o objeto em si, mas sobre a fuga da falta.

Nesse sentido, escreve Zalcberg⁴¹: *“O perverso necessita da materialização dessa imagem [falo] como suporte de seu ser, desmentindo o que aparece na cadeia significante sob a forma de falta”*.

No caso em comento, a potencialidade do falo do perverso ficou extremamente marcada. Nesse sentido, insiro um episódio que se deu mesmo após a consolidação da ruptura do casal. Passados mais de um ano da separação e o término da análise, a analista recebeu um contato da ex-esposa.

A mulher relatava estar atormentada com um sonho que se repetia há semanas, com tamanha vivacidade que era incapaz de se desligar dele, mesmo muitas horas depois de haver despertado.

O sonho consistia no seguinte: o seu ex-marido retomava o contato com ela, e a seduzia novamente, em um jogo irrecusável -aí já começava o tormento da mulher, que se via imobilizada e concordando em se abrir para um contrato que tanto mal já lhe havia causado.

Apesar de saber da violência psicológica, física e financeira que havia experienciado na relação, não conseguia negar, e o desejo de retomá-la era maior do que a força da recusa.

Conforme a mulher ia se autorizando a retornar à relação, o que era um processo longo e detalhado no material onírico, ela ia voltando aos lugares de poder secundário que ocupava mediante a potência do marido: voltava a habitar na casa do casal, a coordenar os funcionários da residência, a auxiliar o marido em suas grandes empreitadas empresariais, a frequentar os ambientes da família, e a ocupar sua posição de esposa prestigiada perante o recorte social que estavam inseridos. Cabe comentar que eles moravam em uma cidade na qual a família do marido era muito influente, donos da maior parte da infraestrutura e empreendimentos de relevância. Nesse contexto, a esposa ocupava uma certa posição de autoridade secundária derivada da autoridade do marido.

Ela ia retomando a casa, a relação e o contrato. Aqui, observa-se que não houve nenhum tipo de consumação ou contato sexual até que a conquista do marido sobre ela fosse plena. Era preciso acertar todos os termos do contrato antes que houvesse relação.

Depois da sucumbência ao alinhamento, chegava o momento de consumir a relação. Aqui, ocorre o elemento mais graficamente freudiano e interessante do sonho.

⁴¹ ZALCBERG, M. As históricas contam-nas uma por uma: da solução “perversa” na mulher. 1995. 207f. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

Quando o marido abaixava as calças, para se relacionar com ela, se revelava um enorme pênis. Não que o pênis do marido fosse pequeno na vida real, mas no sonho, ele aparecia completamente imenso. “Era como se uma luz recaísse sobre aquele elemento, e tudo mais ao redor ficasse no escuro”.

Ao se deparar com aquele falo, ereto, gigante, potente, a mulher ficava embriagada. Eram proporções imensuráveis por qualquer tipo de régua ou métrica. Ficava completamente hipnotizada pelo desejo que aquele símbolo representava. Então, se ajoelhava em reverência perante Ele, se prostrando pequena diante daquele enorme monumento.

Exasperada com tamanho poder, performava alguns rituais de adoração, validando a existência e a grandeza daquele falo ereto. Após, justamente quando chegava o último momento antes da penetração, acordava.

E esse sonho se repetia, diariamente, com intensidade avassaladora.

A mulher se encontrava totalmente abalada e incrédula com a repetição do sonho. Não se conformava com o desejo imenso pelo falo outro, e com a sua submissão à ele.

Havia passado o ano seguinte à ruptura se dedicando intensamente ao seu restabelecimento. Investiu, muito conscientemente, em sua subjetividade: buscou uma carreira, autonomia, colocar sentido na própria biografia. Ela havia feito a viagem que programara antes da separação do casal, engatado na sua própria carreira e até mesmo conseguiu alugar um apartamento próprio e sair da casa dos pais, para onde havia sido despejada quando foi expulsa da residência.

Ela buscou se desvencilhar de uma série de padrões ditos co dependentes em relação ao outro, fez análise três vezes por semana durante todo o período e se utilizou de todas as ferramentas que podia para se reconstruir.

Mesmo assim, e mesmo sem desejar o esposo, ainda desejava o pênis. Não entendia como era possível.

E foi contando o sonho que ela percebeu: o que ela desejava não era o pênis em si, atacado ao corpo do ex-marido.

Em uma primeira instância, se deu conta de que desejava todo o poder que ela tinha através do outro. Por mais que houvesse galgado em sua vida pós separação, estava longe de se proporcionar sozinha as estruturas que tinha através do casamento: não tinha todas aquelas propriedades, fábricas espalhadas pelo globo, funcionários, tamanha potência sobre as pessoas ao seu redor e muito menos certeza ou segurança dos caminhos e trajetórias que percorria. Tudo aquilo que ela tinha na relação, na qual se sentia absolutamente segura de que a vida que levava fazia sentido, pelo sentido que ele atribuía a ela.

Mas a sua frustração ia muito além disso. Não decorria simplesmente do fato de que seu falo, até então, parecia pequeno e impotente em relação ao falo que a ele a proporcionava.

Num exame mais detalhado, percebeu que o seu desejo não se resumia só à potência que agora lhe faltava -inclusive em todo esse período de separação, apenas se abriu para se relacionar uma vez, com um homem que era impotente, o que só acentuava a sensação de impotência que ela sempre teria sem o ex-marido.

Não era só o falo ereto e duro com certeza, realizações, bens, conquistas gigantes e suposto saber que ela desejava.

Mesmo passado todo esse tempo, e feitos tantos esforços no sentido de lhe atribuir autonomia, aquela mulher ainda desejava fortemente atribuir a um outro a potência e a guiança do caminho ao gozo. O desejo não era somente pelo falo que a potencializava e preenchia, mas também pela possibilidade de sua devoção a ele.

Como não via em si a possibilidade para o gozo, desejava fortemente poder contar com a figura do outro, em seu pretense falo sempre ereto e imune à castração. Desejava poder se curvar diante dele, e abdicar plenamente do dever de possuir qualquer suposto saber em função do outro.

Não era só a potência que agora não possuía, mas o desejo de terceirizá-la, como uma necessidade de reafirmar a sua castração irrestrita. Desejava aquele símbolo de poder para poder legitimar o seu local de ausência de poder.

Muito mais do que a potência do próprio falo em si, se tratava da potência que ela atribuía a ele.

O encantamento, com as reverências, diminuições e prostrações do sonho eram o objeto sobre o qual recai a camada mais profunda do desejo; para além de não ser capaz de ter aquele pênis ereto e competente em sua vida sem ele, ela não tinha a capacidade de alocar o suposto caminho para o gozo. E desejava profundamente atribuí-lo ao outro, torná-lo possível.

Após tais considerações, essa mulher deixou de repetir o sonho. E começou a desejar vias de transferir, em alguma medida, a si mesma, a validação monumental que depositava no outro. Concluiu que era ali que estava o verdadeiro monumento.

Referências

- AULAGNIER, P. Angústia e identificação. In *Percurso - Revista de Psicanálise*, n.14. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1995.
- AUSTIN, J. L. How to do things with words. 2nd. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural J. Lacan, 1986. 80 p.
- CALLIGARIS, C. (1993). *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: La passion de l'instrumentalité*. Tese (Doutorado). Université de Provence Aix-Marseille I.
- CLAVREUL, Jean. *O desejo e a perversão e outros*. São Paulo: Papirus, 1990
- COUTINHO, Jorge, M. A. (2008). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan (Vol. 1), as bases conceituais Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- DOR, J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1991. (impressão 1997), p. 48.
- FREUD, S. (1905/1971). Three Essays on the Theory of Sexuality. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 123-246.
- FREUD, S. (1919/1971). A child is being beaten: a contribution to the study of the sexual perversions. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 175-204.
- FREUD, S. (1927/1971). Fetichism In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 147-158.
- FREUD, S. (1940/1971). An Outline of Psycho-analysis. In: FREUD, S. *SE. 7*. London: Hogarth Press, 139-208.
- FREUD, S. (1915). Repressão. In: _____. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 147-164.
- FREUD, S. (1926-1929). Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos. Fetichismo. Edição Companhia das Letras, Obras completas Volume 17, pp 426-427.
- GILLESPIE, W. (1956). The General Theory of Sexual Perversion. *International Journal of Psycho-Analysis*. 37: 396-403.
- HYLDGAARD, K. (2004). The Conformity of perversion. *The Symptom Online Journal for Lacan*. com nº 5. <http://lacan.com/conformperf.htm>
- LACAN, J. (1962-1963/1997). *A angústia*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- LAPLANCHE, J. & Pontalis, J.B. (1967) *Dicionário de Psicanálise*. Santiago de Chile: Editorial Borda, 1972.
- MONTAGEM, In Oxford Dictionary, 2022.
- SACHS, H. (1923/1986). On the Genesis of Perversions. *Psychoanalytic Quarterly*.
- ZALCBERG, M. As histéricas contam-nas uma por uma: da solução “perversa” na mulher. 1995. 207f. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

2º Semestre 2024

Ciclo IV

Nome: Fábio Luiz de Almeida Mesquita

Título: Impulso ao vazio

Impulso ao vazio⁴²

*“Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. **Pois tu és pó e ao pó tornarás**”. – Gênesis 3,19.*

A morte soberana se impõe diante do breve lampejo da vida. A existência humana parece se configurar como um período ainda mais breve se comparado ao tempo das inúmeras outras formas de existências no planeta terra. Não é em vão que a percepção de nossa própria finitude e a constatação do fim dos outros seres vivos sempre serviram de inspiração, fascínio, espanto e temor para diversas narrativas filosóficas e artísticas.

Ao levar em conta o “tempo” como parâmetro, parece-nos que os seres não vivos, os inorgânicos, sempre estiveram em vantagem em relação aos seres vivos, aos orgânicos. Se o universo possui um tempo determinado, a morte reinou na maior parte de seus bilhões de anos. Analogia semelhante foi a apresentada pelo historiador holandês Rutger Bregman (2021): “se a vida orgânica no planeta terra tivesse um ano, o surgimento dos seres humanos ocorreria na última hora do dia 31 de dezembro.” A vida parece ser a exceção, e de modo ainda mais drástico, a vida humana parece algum tipo de milagre, como apresentaram diversas narrativas religiosas e míticas.

Esse conflito desigual entre morte e vida pode ser pensado de um modo mais intenso e radical, na oposição entre o Nada e o Ser. O Nada manifesto enquanto ausência de qualquer tipo de existência orgânica ou inorgânica; por sua vez, o Ser entendido enquanto tudo o que existe, ou seja, a realidade ontológica de tudo aquilo que é.

⁴² Trabalho escrito a partir da aula 09, do ciclo IV, tema Além do princípio de prazer, texto de referência bibliográfica, *Além do princípio de prazer* (1920), Obras Completas, Volume XVIII, pp. 11-75, Imago, 1996.

Diante dessa luta de forças díspares e complementares, a subjetividade humana se inquieta com a possibilidade do fim de sua própria individualidade e, também, com o fim de todos os seres humanos. Em um segundo estágio e talvez de modo mais avassalador, essa mesma subjetividade se depara com a aniquilação de tudo aquilo que é. Por isso, podemos observar a morte e o Nada como foco de inspiração em diferentes tempos e espaços na história da humanidade: da *Teogonia* de Hesíodo aos *Upanixades* hindus; dos ensinamentos dos filósofos pré-socráticos ao eterno retorno nietzscheano; do budismo indiano de Gautama à negação da vontade schopenhaueriana. A morte é a musa da mitologia, religião, arte, filosofia e, talvez, da psicanálise.

A história da origem da psicanálise foi marcada pela franqueza e partilha de Freud diante de suas pesquisas e descobertas. A partir da leitura cronológica dos textos freudianos, é possível observar a criação, desenvolvimento, reformulação, amadurecimento de diversos conceitos e teorias. Uma de suas reformulações mais significativas, talvez, tenha sido a mudança ocorrida em sua teoria pulsional após a introdução da morte como impulso psíquico.

Na teoria das pulsões freudianas, é possível afirmar a existência de duas possibilidades. Uma denominada “primeira teoria pulsional”, caracterizada pela dicotomia entre pulsão sexual e pulsão de autopreservação; e outra, denominada “segunda teoria pulsional”, caracterizada pela dicotomia entre pulsão de vida e pulsão de morte. Esta última, foi apresentada por Freud no texto *Além do Princípio de Prazer*, publicado em 1920, cujo título sugere uma pergunta: o que poderia estar para além do princípio de prazer? Uma possível resposta vai ao encontro da nossa musa. A morte se manifesta, para Freud, como força pulsional e que conduz a vida psíquica ao “zero”, à inação, ao nada e ao vazio.

As duas pulsões presentes na primeira teoria pulsional (pulsão sexual e pulsão de autopreservação) apresentavam uma “falsa” dicotomia, pois ambas estavam voltadas à obtenção de excitações que almejavam objetos diversos. Nesse sentido, Freud renomeia e funde essas duas pulsões com a ideia de pulsão de vida. Por essa razão, a pulsão de vida estaria voltada à obtenção de prazeres que preservam a vida individual ou a espécie humana por intermédio de impulsos sexuais e de sobrevivência. De modo antagônico, a pulsão de morte estaria voltada ao retorno ao local anterior ao surgimento da vida, ou seja, à “não vida”. Dessa forma, é possível notar a contribuição que a reflexão sobre a morte, o nada e o vazio aportou para um aspecto muito importante da metapsicologia freudiana.

Durante a primeira guerra mundial (1914-1918), Freud passou pelo medo da morte de seus filhos que haviam ido ao combate. Felizmente, nenhum deles veio a falecer. No entanto, em 1920, dois anos após o término da guerra, sua filha Sophie morreu, abruptamente, de pneumonia.

No decorrer desse período, Freud atendia diversos pacientes que relatavam experiências traumáticas sofridas durante a guerra. Os relatos dos sobreviventes caracterizaram ainda mais a pulsão de morte enquanto compulsão à repetição. Eles repetiam as experiências, reviviam os traumas, seja em forma de sonhos, reestruturações, sublimações ou relatos vívidos sobre o ocorrido. Todos esses acontecimentos corroboraram para que Freud se debruçasse sobre o fenômeno da morte e, em 1920, publicasse, como se fosse um “filho de guerra”, o texto *Além do Princípio do Prazer*.

Nesse texto, Freud utilizou diferentes exemplos científicos, em especial da biologia, comparando-os com a pulsão de morte de sua teoria pulsional. Como se existisse uma força, até então oculta em suas análises sobre a psique humana, mas já presente em alguns estudos científicos, que produziria um certo exagero no impulso de retornar, de repetir a fase anterior que as células vivas antes ocupavam. Em outras palavras, é possível entender que todo ser vivo estaria marcado, desde sua origem, pelo retorno à morte, à não vida, ao inorgânico. Nos seres humanos, esse retorno à inércia estaria marcado na pulsão de morte, que teria função de reduzir a excitação psíquica, de rebaixar, completamente, a tensão que a intensidade da vida poderia propiciar.

A brincadeira do FORT-DA, observada por Freud em seu próprio neto, Ernst, consistia em repetir um trauma psíquico de modo simbólico e imaginário. A criança era vista por todos como calma e obediente, no entanto, reproduzia uma ação com frequência. Ernst lançava um carretel para fora do berço e emitia um som semelhante ao “o-o-ó...”, que, na interpretação de Freud, referia-se à palavra “Fort”, que significa “ir embora”, em alemão. Ao puxar o carretel de volta, Ernst dizia um “da-a-á...” com muito entusiasmo e felicidade, que, em alemão, significa “ai”, como se o retorno do objeto demonstrasse novamente sua existência. Freud entendeu que essa brincadeira do FORT-DA simbolizava as presenças e as ausências da mãe de Ernst. Esse jogo vai ao encontro de sua segunda teoria pulsional. Na luta entre presença e ausência, ir e voltar, vida e morte, o pequeno Ernst desenvolvia importantes ferramentas psíquicas para lidar com a frustração decorrente dos desaparecimentos da mãe. No trauma originário, Ernst lidava passivamente com suas próprias dores. No entanto, com a brincadeira, ele tinha o poder ativo de lidar com as idas e vindas do carretel. Ele poderia ressignificar o trauma, reviver a situação dolorosa da perda e a alegria da chegada de uma maneira simbólica e imagética. Durante esse processo, Ernst desenvolvia mecanismos para reduzir a pressão psíquica gerado pelo trauma original.

Ao desenvolver a segunda teoria pulsional, prazer e dor se fundiram, abrindo novas possibilidades teóricas. Freud se utilizou da mitologia grega expressa na obra de Hesíodo, *Teogonia: A Origem dos Deuses*, na qual Eros e Tânatos são, deuses da primeira geração de divindades da

cosmovisão grega. Eros é o deus do amor que está presente no momento da criação do mundo material e imaterial; representa a força originária da vida e da gênese do universo. Ele foi criado, diretamente, a partir do primeiro deus grego: Caos. Para Freud, Eros é a pulsão de vida. Por outro lado, Tânatos representa, literalmente, a morte. Ele é filho de Érebo e Nix, neto de Caos e sobrinho de Eros. Tânatos é o fim da vida, a negação da existência, a força oposta à criação. O sentimento de destruição deve ser associado a Tânatos, no entanto, essa força destrutiva deve ser interpretada como a pulsão que objetiva o Nada, vazio, inação, desaparecimento ou aniquilamento. A destruição não pode ser associada, exclusivamente, à Tânatos, isto pode ser um equívoco. O Nada é vazio de sentido, por isso, nada é e nada pode querer. O ímpeto de destruição que se manifesta enquanto força ativa, mas também, como força passiva, no sentido de objetivar o nada ao aniquilar a vida existente. A destruição deve ser compreendida diante da fusão entre a pulsão de vida de Eros e a pulsão de morte de Tânatos. Do amálgama entre Eros e Tânatos é que surge a tensão necessária para gerar a destruição que pode se manifestar por intermédio de ações e pensamentos masoquistas e sádicos, assim como no desejo de autodestruição, destruição, agressão e violência.

A teoria das pulsões perfaz um espaço importante e inovador no pensamento de Freud. O texto *Além do Princípio do Prazer* foi fundamental para que tivesse ocorrido essa mudança de rota em sua metapsicologia, ao marcar a força da pulsão de morte na psique humana. No entanto, apesar da incontestável originalidade de Freud, é importante enaltecer todo um escopo teórico já produzido por inúmeros saberes nessa concepção dualista marcada pela vida e pela morte. Alguns desses saberes foram, conscientemente, mencionados por Freud, como, por exemplo, a filosofia de Arthur Schopenhauer (1788-1860), conforme atesta a carta endereçada à ensaísta e filósofa Lou Andreas-Salomé: “Para a minha velhice escolhi o tema da morte. Defrontei-me com uma noção notável baseada em minha teoria dos instintos e agora preciso ler todo o tipo de coisa a ela pertinente, como, por exemplo, Schopenhauer, pela primeira vez” (FREUD; ANDREAS-SALOMÉ, 1975, p. 132). O pensamento de Schopenhauer expresso em sua obra capital, *O Mundo como Vontade e como Representação* (1818), colocou, um século antes da segunda teoria das pulsões de Freud, o conceito de vontade como uma força cega e incontrolável que impulsiona todos os seres, sejam eles orgânicos ou inorgânicos, à existência. Tal força seria como uma espécie de essência do mundo e que poderia ser manifesta nos seres humanos a partir de sua afirmação (afirmação da vontade – impulso de vida marcada pelo nascimento, autopreservação e reprodução)

e a sua negação (negação da vontade - caracterizada por atos de compaixão, deleite estético e, em grau extremo, pela morte, pelo Nada e pelo vazio da não existência).⁴³

Ainda na filosofia, vale a pena destacar a contribuição dos filósofos pré-socráticos: Anaximandro (610-546 a.C.) e Empédocles (495-430 a.C.). O primeiro construiu uma ideia da *arqué* da *physis* (origem da natureza) a partir de um espaço e de um tempo infinitos denominados *Ápeiron* (*a-não* / *peiron*-perímetro ou limite = ilimitado, infinito e indeterminado). Para Anaximandro, tal Ser, origem de todo o Universo, seria regido pelas forças de vida e morte, geração e corrupção. O segundo filósofo pré-socrático, Empédocles, analisou a origem da *physis* (natureza) a partir de quatro elementos materiais (fogo, terra, ar e água), sendo todos eles regidos pela dualidade de forças expressas entre o amor e o ódio, união e separação, vida e morte.

Nas religiões milenares do Oriente extremo, semelhante ideia se fez no hinduísmo, por intermédio dos três deuses da *Trimurti*: Brahma, Vishnu e Shiva. Na obra *Upanixades*, Brahma é o responsável pela criação de todos os seres presentes no cosmos; Vishnu é a divindade que preserva a existência e a vida; e, por fim, Shiva é o representante da morte e destruição. No budismo, a concepção de Nirvana flerta com a pulsão de morte freudiana. Como aferido pelo próprio pai da psicanálise no texto *Além do Princípio de Prazer*, o princípio de Nirvana (*Nirwanaprinzip*) seria a tendência a “reduzir, manter constante e suspender a tensão interna”. Em outro texto, *O problema Econômico do Masoquismo* (1924), Freud concluiu: “O princípio de Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte”.

Para finalizar esse breve relato despretensioso referente às possíveis aproximações existentes entre a segunda teoria pulsional freudiana e os diversos saberes pré-existentes, vale mencionar a filosofia de Nietzsche (1844-1900), especificamente, sua teoria sobre o eterno retorno (*Ewige Wiederkunft*). O eterno retorno é um tipo de repetição de fatos idênticos, isto tanto em relação à individualidade humana quanto em relação ao movimento presente na totalidade do Universo. Portanto, o eterno retorno em Nietzsche é a repetição do mesmo enquanto força que rege todo o mundo orgânico e inorgânico. Nesse sentido, tal ideia se aproxima à compulsão a repetição presente na segunda teoria pulsional.⁴⁴

Freud dispôs de um vasto e milenar saber referente à dualidade entre vida e morte; dualismo também manifesto a partir de similares conceitos: Ser e Nada, criação e destruição, cheio e vazio, orgânico e inorgânico, presença e ausência, ação e inação. Apesar disso, a originalidade e a

⁴³ Cf. PASTORE, Jassanan Amoroso Dias – Schopenhauer e Freud: um elo inegável. 2014, Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 48, São Paulo, set./dez. 2014.

⁴⁴ Cf. STARNINO, Alexandre – *Nietzsche com Freud: sobre a possibilidade ou impossibilidade da afirmação do eterno retorno*. BOGÉA, Diogo – *Para além de Vida e Morte: Nietzsche, Freud e a pulsão de poder absoluto* (2020).

genialidade freudianas permanecem. Ele inseriu a teoria pulsional na psicanálítica, fazendo com que o humano alterasse sua autopercepção e levasse em conta o antagonismo entre a pulsão de vida e de morte. A importância da segunda teoria pulsional ainda reside na compreensão daquilo que é fundante no ser humano: sua violência, agressividade, sadismo e masoquismo.

Por fim, cabe um agradecimento a ela, a musa dos diversos saberes. Durante o tempo em que não retornarmos ao pó, façamos da vida uma exceção que tenha valido a pena, um milagre repleto de prazer e de dor, descobertas e dúvidas. O local da inexistência, no qual surgimos, nos aguarda. Durante o tempo cujo o Nada não aniquilar nossas células, nosso corpo, nossa alma, que possamos gozar e sofrer, com Eros e Tânatos. A musa dos diversos tipos de saberes nos aguarda para um último impulso em direção ao vazio. Não sabemos quando, onde e como, mas ela virá, para uma última vez, sentirmos pulsar a vida dentro de nós. Enquanto isso não acontece, que possamos nos inspirar, escrever trabalhos para o CEP, escrever poesias sobre a vida e a morte, desenhar a presença e a ausência da existência no arco-íris de nossos sonhos, produzir filosofias e religiões, degustar os avanços e os retrocessos da ciência e da psicanálise. Enquanto ela não chega, que possamos, ao menos, existir de forma autêntica até que o Nada se apresente e possamos, finalmente, nos diluir em seu vazio.

Referências

AZEVEDO, Monia Karine; NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello – **O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud**. Revista Subjetividades, vol. 15, no. 1, Fortaleza, abr. 2015. Site consultado em (16/05/2024):

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008#:~:text=Em%20O%20Ego%20e%20o,%C3%A0%20mort%C3%ADfer%C3%A3o%20oposta.

BOGÉA, Diogo – **Para além de Vida e Morte: Nietzsche, Freud e a pulsão de poder absoluto**, revista Voluntas (2020). Site consultado em (16/05/2024):

https://www.academia.edu/44287443/PARA_AL%C3%89M_DE_VIDA_E_MORTE_NIETZSCHE_FREUD_E_A_PULS%C3%83O_DE_PODER_ABSOLUTO

BREGMAN, Rutger, *Humanidade: Uma História de Esperança*, Bertrand Editora, 2021.

FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. Correspondência Completa. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. (Coleção psicologia psicanalítica).

FREUD, Sigmund - *Além do Princípio do Prazer*, 1920, Volume XVIII, Ed. Imago, 1996.

FREUD, Sigmund - *O problema Econômico do Masoquismo*, 1924, Volume XIX, Ed. Imago, 1996.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias – **Schopenhauer e Freud: um elo inegável**. 2014, Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 48, São Paulo, set./dez. 2014. Site consultado em (16/05/2024):

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400014#:~:text=Desta%20forma%2C%20Freud%20revela%20a,morte%20no%20penamento%20de%20Schopenhauer

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005/1818.

STARNINO, Alexandre – **Nietzsche com Freud: sobre a possibilidade ou impossibilidade da afirmação do eterno retorno**. Site consultado em (16/05/2024):

https://www.academia.edu/30737296/NIETZSCHE_COM_FREUD SOBRE A POSSIBILIDADE OU IMPOSSIBILIDADE DA AFIRMA%C3%87%C3%83O DO ETERNO RETORNO 1

2º Semestre 2024

Ciclo V

Nome: Ana Paula Tomé Mikulenas

Título: Repetir, recordar e esperar...

Ao longo da formação em psicanálise, acredito que para todos os que pretendem ser analistas, a pergunta que analista eu posso ou quero ser, deva frequentemente rondar os pensamentos.

Pego emprestando então, outra pergunta de Joyce McDougall: *“será que quero ser uma analista que se propõe a uma intervenção analítica que rompe com a reeducação e se separa da interpretação pré-fabricada?”*

Nesses últimos meses venho ouvindo e participando das discussões de casos dos meus colegas de turma e pude perceber em suas falas e, nas angústias não ditas, mas expressadas pelo corpo e a respiração, o medo que se tem de errar e de não saber.

Acredito que todo processo de iniciação contempla a falta da experiência e pensando no significado da palavra, seria a falta qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos, afinal de contas nunca estivemos frente a frente com alguém nessa posição. A iniciação então, nos coloca sob o risco de lançar apostas e lidar com o que vem delas, nos apegando assim, de certa forma, apenas ao conteúdo manifesto trazidos por quem está em análise em um momento tão inicial. Só pela via do conhecimento é muito difícil saber e sobretudo, sentir que sustentar o não saber, adiar o julgamento e viver muito mais de perguntas do que respostas é o melhor que se tem a fazer.

O exercício de não saber é árduo, visto que paradoxalmente vivemos em mundo contrário a isso, onde as perguntas e respostas já estão prontas a um clique ou quem sabe dois e, indo além, que essas perguntas e respostas podem ser realizadas pelo grande estrangeiro do momento - a inteligência artificial.

Quando escrevo sobre a ideia acima, me vem a imagem de que o processo analítico seja mais ou menos assim: uma pessoa chega até você e fala que gostaria atravessar uma trilha em uma mata

fechada numa noite escura e, que precisa de ajuda para segurar uma lanterna, apenas para iluminar o caminho diante do próximo passo a ser dado.

Quanto tempo esse percurso durará, o que encontraremos? Sairemos do outro lado, chegaremos juntos? Jamais saberemos de antemão, a respostas a essas indagações.

A angústia da iniciação tem relação não só com o fato de “saber fazer”, mas com possibilidade inédita, acredito, de se colocar disponível a estar com o outro. Emprestar-se realmente a alguém, para que essa pessoa possa sofrer melhor ou quem sabe viver seus sonhos, me parece uma ideia linda, mas também terrivelmente assustadora. Pode ser clichê, mas é de clichê em clichê que a vida se apresenta e, estar com o outro absolutamente inteiro e se deixar de lado é a grande, senão a única, habilidade ou experiência a ser desenvolvida nesse caminho sem fim da formação psicanalítica.

Parece obvio o que escrevo, mas como diz Caetano Veloso a “*vida é real e de viés*” e, na realidade nós queremos resultados, queremos encontrar nas nossas falas, na fala e pele do outro o que vemos na teoria.

Nós desejamos também, ser úteis e amados, por isso, faça um imã e cole na porta da sua geladeira - não é sobre você é sobre ele - e quanto menos nós psicanalistas, existirmos na relação com expectativas e desejos, mais existirão possibilidades para que o outro seja como diz Marion Minerbo, a criança no adulto no momento presente. E que esse momento permita que se instaure processo analítico para que se repita tudo que não possa ser lembrado, esperando que a cada repetição, elementos novos de significação possam surgir e, assim, poder ser diverso e um pouco mais livre, pelo menos para reconhecer e pensar sobre o que deseja.

Faz-se imperativo desviarmos da tentação de desejar por nossos analisandos, inclusive o bem do nosso ponto de vista, ou passaremos perto de sermos um analista a Procusto, a figura do malfeitor normalizador.

Outro dia em uma aula ouvi a palavra hiato e após esse momento fiquei pensando em algo como ter a capacidade como sujeito e por fim como analista, de esticar os momentos entre um pensamento e outro, sem a passagem ao ato ou a elaboração, sustentar estar ali no momento presente, um pouco mais, adiando o julgamento e a necessidade de se confirmar hipóteses. Um pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Drálio Araújo, em um podcast de entrevista, comentou que a depressão era para ele uma doença do pensamento, sob a condição de que algo tivesse ficado amarrado no passado e a ansiedade algo da ordem que estivesse conectada com o futuro. Ele dizia isso, porque faz um estudo com psicodélicos no tratamento de depressões graves em comparação com os medicamentos tradicionais e, como resultado, ele observa que os

psicodélicos possuem uma ação mais rápida e longínqua, porque ao contrário dos medicamentos tradicionais, conferem ao sujeito uma nova experiência emocional de transformação. Falo dessa questão aqui, embora não seja psicanálise, porque no fim talvez seja isso mesmo, nós não precisamos nesse caminho de segurar a lanterna, procurar verdade, precisamos junto com nossos analisandos irmos em busca da elaboração que ele possa suportar fazer por si ou algumas vezes contribuir para a construção de uma realidade psíquica possível.

Para tanto, devo aqui falar da transferência que contêm em si a mágica da psicanálise na minha opinião. É muito bonito ver como Freud fez a trajetória de sua construção sempre comprometido com a verdade que podia alcançar naquele momento.

Se bem entendo na transferência, algo da vida amorosa do sujeito se atualiza com o analista de uma forma regredida, com cadeias de representações que se alternam na transferência e contratransferência, assim como uma dança ou uma transa. É fascinante pensar que desejos insuportáveis das pessoas podem se valer do aparelho psíquico de outrem e assim, se inscreverem de uma forma disfarçada na linguagem manifesta com elementos novos e poderem ser escoados. Menos tensão, mais espaço.

Freud pode experimentar e por fim descrever, que a transferência seria o elemento clínico central, pois através dela o analista poderia ter notícias do amor verdadeiro do sujeito e entrar em contato com a matéria viva libidinal e conflitiva, incluindo as fantasias e não só com as abstrações que foram possíveis até então, onde só se tinha ideia do recalque.

Voltando a pergunta inicial que peguei emprestada *“será que quero ser uma analista que se propõe a uma intervenção analítica que rompe com a reeducação e se separa da interpretação pré-fabricada?”* A resposta é sim!

O amor é o que permite em nós a pesquisa, mas não será cura em si, pois a falta e incompletude sempre nos interpolará. Que a análise então, como comentou outro dia o professor Mario Eduardo Costa Pereira, permita a todos a possibilidade de nos construirmos não apenas da fala que herdamos, mas também daquilo que nos descobrimos falar e, assim, quiçá, chegarmos ao deleite de concluir como GH: *“A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.”* — A Paixão Segundo G. H., 1964.

2º Semestre 2024

Ciclo VI

Nome: Maria Emília Queiroz Bastos

Título: Sonoridades, silêncios e suas ressonâncias na clínica psicanalítica

“[...] a música é um rito de passagem em que o sujeito se lança à morte e renasce dela” (WISNIK, 1989).

Minha experiência com a música, desde muito cedo, me aproximou do campo da subjetividade. Falar dessa experiência é admitir que fui/sou afetada por ela, através das sonoridades, dos silêncios e de suas ressonâncias.

Ao iniciar minha formação em Psicanálise, tive notícias do inconsciente, o que não me causou nenhuma estranheza. Entendi aí que Música e Psicanálise se articulam, partindo do pressuposto de que a Música, em suas características elementares – composição e expressão – estabelecem relações diretas com o inconsciente.

Durante o período da minha formação, foi-me possível constatar que ainda são poucas as pesquisas que se propõem a estudar a correlação entre Música e Psicanálise. A partir daí, meus interesses voltaram-se à compreensão de como a Música e o “fazer musical”, como possibilidades de expressão, poderiam impactar subjetivamente os sujeitos. Arriscaria aqui afirmar que a Música contém em si uma potência transformativa. Sendo assim, seria possível então pensarmos na articulação de experiências musicais com a clínica psicanalítica, como instrumento de uma prática de intervenção em experiências traumáticas?

Motivada por esta questão, me aventurei por leituras e estudos, de Freud à Lacan, passando por Didier-Weill, Jean-Michel Vivès, bem como outros autores e pesquisadores que seguiram pensando esta relação entre a Música e a Psicanálise.

A Música, como linguagem e forma de expressão, se constitui a partir de muitas possibilidades de combinações sonoras e rítmicas que se convergem para pontos/ momentos de tensão, instabilidades, repousos, silêncios e resoluções. Esses pontos, articulados entre si, envolvem cadeias e operações que se assemelham aos processos nos quais Freud (1900) reconheceu na linguagem dos sonhos: a condensação e o deslocamento, e que, ao serem elaborados racional, técnica e poeticamente, geram formas que induzem a movimentos afetivos correspondentes. Segundo Sekeff (2009, p.94), “a imaterialidade do objeto sonoro faz da linguagem musical uma genuína poética do indizível, o que possibilita uma polissemia de sentidos a partir da experiência musical”.

O “fazer musical”, ao qual nos referimos anteriormente, é um processo que possibilita a construção de narrativas, por meio de práticas que envolvem escuta, experimentação, criação e execução, capazes de gerar estruturas que vão além de aspectos meramente formais. Nesse sentido, a experiência musical transmite em seu ato uma série de elementos ligados tanto à história da própria música, quanto à do sujeito que está vivendo esse experimentar (NOGUEIRA, 2019).

Sabemos que, tanto na execução, quanto na escuta e na apreciação de uma obra musical, o sujeito tende a vivenciar diferentes sensações. De forma geral, poderíamos pensar que o gozo por meio destas experiências, variável na medida em que harmoniza e/ou sintoniza o sujeito consigo e com o mundo, pode representar um reencontro com o que Freud (1930) chamou de “sentimento oceânico”. Em contrapartida, pode também suscitar o mais intenso sentimento de estranheza e descentramento subjetivo (FREUD, 1919), pelo fato de que a música produz modos específicos de subjetivação.

Além da insatisfação existencial que incita o artista a tender para a criação efetiva (os *Wirklichkeiten* de Freud), a música remeteria a esse gozo impossível de dizer e impossível de pensar, um gozo externo ao significante e cuja natureza explicaria sua dificuldade de se deixar transcrever em linguagem. Talvez, assim, possamos imaginar a música como aquilo que, do som ligado à palavra do “traço mnêmico sensorial” (Freud), teria escapado à dominação do “simbólico” (Lacan), ou, dito de outra maneira, como aquilo no som que permaneceria irreduzível ao significante (LAMBOTTE, In: KAUFMANN, 1996, p. 698-99).

Assim, a música abriga uma dimensão enigmática, no que se refere ao modo com toca os sujeitos, especialmente pelo fato de seu registro (sonoro-musical) apresentar-se como aquilo que está aquém e além das palavras.

O psicanalista Alain Didier-Weill (1997) aponta, a partir da teoria lacaniana, os efeitos que a música pode produzir em um sujeito. Em sua obra “Os três tempos da lei”, o autor propõe pensar a sideração e as possibilidades de des-sideração, passando pelos efeitos de surpresa e espanto, considerando o superego e os efeitos da música em seu poder invocante. Esse efeito de sideração, que é sentido sempre como se ocorresse pela primeira vez, teria o poder de um despertar da vida cotidiana, pois opera justamente ao constituir uma fratura na continuidade temporal, autorizando-nos a explorar essa dimensão secreta, descontínua que é o tempo a-histórico, tempo esse próprio do inconsciente, estabelecido por Freud. O espanto provocado pela música também tem a capacidade de nos fazer ouvir a presença do inaudível, até então banido pelo barulho da vida cotidiana (PEREIRA, 2023).

Segundo Didier-Weill (1997), ocorre uma inversão no ouvir musical, quando, no primeiro momento, acreditamos estar escutando a música e somos tocados por ela. Para o autor, nesse momento podemos descobrir que não somos nós que a escutamos, mas, ao contrário, somos escutados por ela. Nesse sentido, a música seria capaz de escutar uma presença cuja existência havíamos esquecido e que passa a reviver, porém somente o Outro é capaz de revelá-la, pois isso não é algo que está à nossa disposição. “Esse inaudito que pode se revelar pela música tem sua conexão direta com o recalque originário, sendo um silêncio onde escapa a todo ouvir possível” (PEREIRA, 2023).

Através de uma nota musical que se faz ressoar, a “nota azul”, esse lugar destinado ao esquecimento pode oferecer uma chave de libertação. De acordo com o autor, a nota azul seria aquela nota musical que transcende as expectativas temporais e previsíveis, ou seja, em termos psicanalíticos, a nota que resgata o sujeito de sua clivagem simbólica, lançando-o novamente ao tempo antecedente ao recalque originário.

O reconhecimento que sinto com relação a ela [nota azul], se ela vem a ressoar, deve-se ao fato de que o arrebatamento que ela me dispensa é literal. Ela me arrebatava do mundo especular em que eu estava e me faz transpor um limiar que, sem ela, eu não teria, sem dúvida, ousado transpor – limiar de um mundo cuja novidade extrema deve-se ao fato de que, nele, reina o poder do inaudito: poder de me despertar, ao

me ensinar que tudo o que podia ouvir de sensato até então estava, sem que eu o soubesse, sob o ascendente do inaudito (DIDIER-WEILL, 1997, p. 250).

Ao pensar a respeito da psicose, o autor se indaga se a música teria a possibilidade de trazer o significante foracluído, e chega à conclusão de que ela teria um poder diferente, algo que a palavra poderia não possuir; a música seria superior à palavra pela relação que ela possui com o real, gerando nos indivíduos a resposta de um sim absoluto.

Porém, seguindo ainda pelo pensamento de Didier-Weill, a música apresenta seu caráter inferior à palavra no que tange sua relação com a Verdade, pois, baseado no texto de Lacan, “A coisa Freudiana” (1955, p.410), com a frase “Eu, a Verdade, falo”, somente com a palavra há a possibilidade do verdadeiro e do ético emergirem, trazendo à tona a emergência do real. Diante dos efeitos de encontro com esse real, podemos observar momentos de novos reposicionamentos, novas possibilidades de fala e de escuta para um sujeito. E nesse processo de subjetivação, as palavras endereçadas a esse Outro analista, retorna ao analisando os aspectos de seu dizer (PEREIRA, 2023).

De acordo com as experiências no campo da música, notamos que alguns elementos se destacam e se vinculam de maneiras distintas nas composições, como voz, som e silêncio. A voz está sempre referida ao silêncio, pois a produção sonora só se constitui por meio dos sons e dos silêncios. Estes silêncios são recortes no contínuo sonoro, representados na partitura por pausas. São eles que encadeiam as notas musicais, conferindo ritmicidade à música (WISNIK, 1989). Essa relação entre som e pausa, entre voz e silêncio, se desdobra também na prática psicanalítica. Podemos dizer que o objeto voz comparece na experiência estética com a música, revelando o objeto pulsional que se encontra na angústia, nas alucinações, dentre outras manifestações.

Considerando que toda fala se apresenta numa estrutura rítmica e melódica, a voz materna, ao dirigir-se ao seu bebê, se apresenta a ele como pura sonoridade, constituindo traços mnêmicos acústicos, ou seja, anterior ao recalque originário (mecanismo estruturante do psiquismo). A “sonata materna” se apresenta não apenas como emissora de sons, mas fundamentalmente como transmissora de afetividades e intensidades, sendo por isso, invocante. É a partir do atravessamento pela “sonata materna”, caracterizada pela musicalidade da voz do Outro (anterior à internalização de sentidos e significados) que o sujeito psíquico poderá advir. Atravessado pela voz do Outro

parental, o bebê, em suas experiências sonoras, passará também a musicalizar sua fala, instaurando assim o início do circuito pulsional no psiquismo, pela via da pulsão invocante (DIDIER-WEILL, 1999). Essa dimensão da voz enquanto suporte dos significantes, pode ser observada nas elaborações lacanianas, quando Lacan constrói seu esquema topológico, o grafo do desejo. Assim a voz, em sua dimensão sonora e não sonora, marca seu lugar de importância tanto no encadeamento significativo presente na fala, quanto nos afetos, como efeito da musicalidade.

Na prática psicanalítica, o objeto voz comparece nos mal entendidos, nos atos falhos, nos lapsos da fala, nas crises de tosse ou rouquidão, na gagueira, no grito, no choro, como um limite do dito. Nos referimos a essa voz que, com a consistência imaginária do som, passa pelos ouvidos e, de acordo com Vivès (2012a), ecoa internamente e compulsoriamente, exigindo o gozo do sujeito.

Essa voz, elevada por Lacan a estatuto de objeto pulsional, é chamada por ele de objeto a , o qual podemos conceber como um conceito operativo referido à experiência subjetiva de ser acometido pelo indeterminado da pulsão invocante (NOGUEIRA, 2017). Segundo Lacan (1975-1976/2007) a experiência com o objeto voz, através das vozes do supereu, é a que mais aproxima o sujeito do gozo da continuidade primordial entre ele e o Outro, quando esse sujeito vociferado entra em continuidade com ele, o que pode ser evidenciado pelo fato do ouvido não poder se fechar para o que vem do Outro. Para que o sujeito, tanto o neurótico quanto o psicótico, encontre um lugar para se posicionar e esquecer a voz do Outro, acreditamos na música como possibilidade de barrar esta vociferação, porém, sem deixar que o sujeito se esqueça que essa mesma voz se mantém como inesquecível (DIDIER-WEILL, 1997).

Na clínica psicanalítica, o sujeito é convidado a fazer associações, a falar livremente sobre o que o faz sofrer, sobre seu sintoma. Esta regra fundamental da psicanálise, criada por Freud, pressupõe já de início, como condição para sua possibilidade, uma potencialidade criativa inerente ao sujeito falante constituído que é pelo universo simbólico. A espontaneidade discursiva é condição primordial para a possibilidade de acesso ao inconsciente. Porém, é o silêncio do analista que oferece esse lugar para o posicionamento subjetivo do analisando, como acolhimento do que é falado, sem ater-se ao sentido. O que conta aqui é a escuta da sonoridade da fala frente ao sentido, na aposta de que, da fala do analisando, algo do inconsciente venha a se apresentar. O analista, em seu silêncio, acolhe e acompanha as falas do analisando. Seu silêncio atualiza a falta inaugural e constitutiva do sujeito, convocando-o a criar, ao falar de sua falta. “É dentro do dispositivo analítico,

pela fala do analisando endereçada ao analista, operando via transferência, que o motor do tratamento vai atuar. Desse lugar, o analista escuta a “música” que o analisando produz e, em uma postura ética, relança a ele sua própria produção musical, encorajando-o a escutá-la” (NOGUEIRA, 2017, p.30).

Ainda pensando a respeito do silêncio como componente imprescindível, tanto na música como no dispositivo analítico, constatamos que Freud, além de reconhecer a importância do lugar fundante do silêncio do analista, também pôs em questão o silêncio do analisando, como um silêncio não desprovido de um dito, mesmo ao fazer alusão à presença do indizível. No momento do encontro com a voz do analista, um silêncio marcante pode ser experimentado pelo analisando, um silêncio de onde deveria emergir uma fala.

Freud (1911a, p.78) aponta dois tipos de silêncio manifestados pelo analisando. Um se manifesta como resistência e faz referência a um não-dito proveniente do recalque, mas que se torna ruidoso no processo subsequente de restabelecimento no qual o recalque se desfaz, possibilitando o retorno da libido para objetos e pessoas anteriormente abandonadas. O outro silêncio vai para além do que foi silenciado pelo recalque. Desprovido de sentido, é indicativo do silêncio estrutural da “pulsão de morte”, anunciado pela compulsão à repetição, que opera silenciosamente a sua destrutividade na intimidade do sujeito melancólico (FREUD, 1930/1996). Para o psicanalista Didier-Weill (1997, p.53), este é um “silêncio irremediavelmente inóspito à palavra”. No texto “O estranho” (1919), Freud faz referência ao silêncio ligado à angústia, ao questionar o efeito de estranhamento angustiante que o silêncio causa, assim como o que é experimentado na escuridão e na solidão.

Segundo Didier-Weill, a saída do sujeito silenciado pelo trauma, impossibilitado de se fazer escutar através de seu grito, se dará pela reconquista da voz, através de extrema afetação emocional, por meio da qual o sujeito poderá recuperar sua própria divisão perdida na experiência traumática. O movimento em direção à música é uma abertura para escutar não somente os imperativos do supereu, que produzem silenciamento, mas uma nova sonoridade, uma nova possibilidade de escuta e a inauguração de um novo uso da voz.

Considerando a experiência musical como via expressiva de exigências pulsionais e conteúdos inconscientes, por meio de seus processos e atos criativos, do ponto de vista metapsicológico, identificamos esses atos criativos como destinos possíveis das forças pulsionais. Seguindo por esse

pensamento, consideramos plausível que o sujeito musicante (compositor/ intérprete) e o sujeito musicado (ouvinte/ intérprete), na tentativa de “fazer música”, sejam assim correspondentes ao sujeito do desejo. Ambos desfrutam de satisfações possíveis a partir do estranhamento e dos correlatos eventos psíquicos disparados pelo exercício musical.

Nesse sentido, poderíamos então afirmar que experiências musicais permitem, em ato, a ressignificação, a elaboração e sobretudo, a narrativa de determinadas experiências pessoais vividas pelo sujeito em contato com o fazer musical.

A partir do exposto, manifestamos aqui nosso desejo de invocação, diante da necessidade de se buscar ressonâncias com os desenvolvimentos teóricos em Psicanálise e Música. E retornamos à nossa questão: seria possível então pensarmos na articulação de experiências musicais com a clínica psicanalítica, como instrumento de uma prática de intervenção em experiências traumáticas?

Referências

- Didier-Weill, A. (1997). *Nota Azul: Freud, Lacan e a arte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. (1998). *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Fink, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Freud, S. (1900). *A Interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. (1911a). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1919). *O "Estranho"*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1955). *A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em Psicanálise*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1975-76). *O seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- Nogueira, T.S. *A canção de si: A música como instrumento de intervenção na clínica do traumático*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo, 2019.
- Oliveira, L.E. *Sobre o esquecimento inesquecível da voz do Outro: O objeto voz na psicanálise*. Dissertação de Mestrado; PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2017.
- Pereira, P. A. *O encontro com a-sonoridade*. Instituto Vox: São Paulo, 2023.
- Sekeff, M. L. (2009). *Música, estética de subjetivação: tema com variações*. São Paulo: Annablume.
- Vivès, J.M. (2009). *Para introduzir a questão da pulsão invocante*. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental.
- _____. (2012a) *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. (2020) *A voz no divã*. São Paulo: Aller Editora.
- Wisnik, J. M. (1989). *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras.